

GABRIELLE FERREIRA DE CARVALHO

**PROGRAMAS DE TELEVISÃO:
EDUCAM CONSCIENTIZANDO OU ALIENANDO?**

**Rio de Janeiro
2004**

GABRIELLE FERREIRA DE CARVALHO

**PROGRAMAS DE TELEVISÃO:
EDUCAM CONSCIENTIZANDO OU ALIENANDO?**

**Monografia apresentada ao Curso de
Pedagogia do Centro de Ciências Humanas e Sociais da
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO, como requisito
para a obtenção do grau de licenciatura,
orientado pelo (a) professor (a)
Dra. Ângela Maria Souza Martins.**

**Rio de Janeiro
2004**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA
CURSO DE PEDAGOGIA
ALUNA: GABRIELLE FERREIRA DE CARVALHO**

**PROGRAMAS DE TELEVISÃO:
EDUCAM CONSCIENTIZANDO OU ALIENANDO?**

**Trabalho apresentado à disciplina
Monografia II, como requisito de avaliação
orientado pelo (a) professor (a)
Dra. Ângela Maria Souza Martins**

**Rio de Janeiro
2004**

DEDICATÓRIA

**A Deus, principal fonte de minha inspiração e vida,
a quem rendo toda honra e glória alcançada ao longo da
minha caminhada por este mundo**

A minha mãe pelo amor, compreensão e dedicação

DEDICATÓRIA

A Deus, principal fonte de minha inspiração e vida,
a quem rendo toda honra e glória alcançada ao longo da
minha caminhada por este mundo.

A minha mãe pelo amor, companheirismo e dedicação.

AGRADECIMENTOS

A minha orientadora, prof.^a Ângela Maria, por abrir os horizontes do saber, quando pareciam-me obscurecidos

A minha família e amigos pelos votos de confiança

Ao meu noivo, Márcio Valério, pelo carinho, incentivo e força nos momentos em que as adversidades me faziam repensar sobre minhas escolhas

E a todos que contribuíram direta ou indiretamente para a construção deste trabalho

EPÍGRAFE

“É isto que desejo: falar sobre nosso lugar ideológico, nosso aquário, nossa teia, nosso poço, nossa conversação. Todo pensamento sai do nosso ventre, como o fio da teia. Cada teoria é um acessório da biografia, cada ciência, um braço do interesse. (...) Imagino que essas confissões preliminares possam causar arrepios. Elas não têm o cheiro certo. (...) E o que causa os arrepios são alguns odores que não misturam bem, conflitos valorativos. A começar pelo estilo.(...)”

Rubem Alves

RESUMO

Diante da dinâmica da vida moderna e da crescente difusão dos meios de comunicação de massa, o homem tem delegado maior credibilidade à informação que recebe destes meios, sem avaliar a veracidade dessas informações. Várias ideologias são veiculadas e, muitas vezes, não são devidamente analisadas pelo receptor. Por isso, investigamos se os programas televisivos educam conscientizando ou alienando. Este trabalho teve como objetivos: analisar criticamente a ideologia que subjaz nos meios de comunicação de massa e identificar as diferentes formas de mensagens veiculadas pelos programas de televisão, mostrando as ideologias que perpassam essas mensagens. Tivemos como meta refletir sobre as conseqüências da educação proporcionada pelos programas televisivos. A metodologia empregada neste projeto é de caráter bibliográfico, utilizando a análise crítica, baseada nos seguintes autores: Antonio Gramsci, Louis Althusser, Pierre Bordieu e J. B. Thompson e autores que discutiram as representações sociais e o imaginário social. Fizemos também uma pesquisa de campo com indivíduos de níveis variados de escolaridade para verificar o grau de credibilidade dado pelas pessoas aos telejornais, validando desta forma ou não, as conclusões da análise bibliográfica, além de gravarmos dois telejornais de emissoras diferentes, no período de uma semana, a fim de analisarmos a estruturação e a forma como as notícias são veiculadas. Percebemos que existem vários mecanismos ideológicos que envolvem os telespectadores e aqueles que fazem os programas televisivos. Esses mecanismos possibilitam a construção e transmissão de informações que podem educar ou alienar. Nos indagamos se de fato as pessoas são ou não educadas, transformadas ou sofrem algum tipo de influência ideológica por meio da demanda de informação que a humanidade tem produzido e veiculado pelos meios de comunicação de massa.

ABSTRACT

Face the dynamism of modern life and the crescent diffusion of mass means of communication, man has been delegating more credibility to information received from these sources without evaluating the truthfulness of such information. Several ideologies are broadcasted, and aren't always properly analyzed by who receives it. Therefore we have investigated if television programs educate people by bringing up their consciousness or by alienating them. This aim of this study is: critically analyzing the ideology that lies under mass means of communication and identifying the different forms of messages broadcasted by television programs, showing the ideologies which come underneath these messages. Thinking over the educational consequences provided by television programs has been our goal. The feature of the methodology used in this project is bibliographical, through critical analysis, based on the following authors: Antonio Gramsci, Louis Althusser, Pierre Bourdieu, J.B. Thompson and other authors who have discussed Social Representations and the Social Imaginary. We have also done fieldwork with individuals of various educational levels so that to verify the degree of credibility given to newscast by people, in order to validate or not the conclusions of the bibliographical analysis. Two newscasts of different channels have been videoed for one week, so as to analyze the structure and the way in which the news are broadcasted. We have noticed that there are a series of ideological mechanisms which involve the viewers and whoever makes the television programs. These mechanisms enable the construction and transmission of information that can educate or alienate. We wonder if people are actually educated or not, if they go through any change or suffer any kind of ideological influence throughout the information demand created by humankind and broadcasted through mass means of communication.

KEY WORDS: Ideology and education in newscasts, education and communication.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| Introdução | 10 |
| CAPÍTULO 1 – Quadro Teórico-Metodológico | 15 |
| 1.1 Antônio Gramsci | 16 |
| 1.2 Louis Althusser | 20 |
| 1.3 Pierre Bourdieu | 23 |
| 1.4 J. B. Thompson | 29 |
| 1.5 Representação Social | 31 |
| 1.6 Imaginário Social | 32 |
| CAPÍTULO 2 – Reflexões sobre os programas televisivos | 35 |
| CAPÍTULO 3 – Influência dos telejornais na educação ou deseducação do telespectador | 53 |
| Considerações Finais | 64 |
| BIBLIOGRAFIA | 68 |

INTRODUÇÃO

Escrever esta monografia não é apenas uma etapa importante de minha graduação, mas simboliza a realização de um projeto acadêmico. Nas linhas a seguir certamente o leitor não tomará conhecimento somente do resultado de uma pesquisa, iniciada há mais de um ano, mas entrará em contato com incessantes questionamentos e momentos de reflexão que geraram este trabalho, que além do conteúdo intelectual, expressa emoção e amorosidade.

Para iniciar a minha longa caminhada nesta monografia, creio ser interessante o leitor saber algumas informações sobre quem a escreve. Nasci no Rio de Janeiro, filha de uma maranhense e de um gaúcho até hoje desconhecido por mim. Vim ao mundo no Hospital São Francisco de Paula, bem pertinho da Quinta da Boa Vista e fui uma surpresa para minha querida mãe, que desejava ter um menino, mas deu à luz a uma galega que nomeou Gabrielle...

Uma das épocas mais significativas de minha vida foram os anos em que estudei no Colégio Pedro II. Fiquei cerca de sete anos nesta instituição onde aprendi a apreciar o estudo das ciências e o valor que tem a educação. Considero que a raiz da minha conscientização política e educacional foi iniciada neste local que tenho imenso prazer de dizer que estudei.

E nessas idas e vindas da vida, decidi prestar vestibular para o curso de pedagogia. Mas meu ingresso neste curso também tem história. Passei boa parte da minha vida afirmando que seria médica, e que aos vinte e cinco anos de idade estaria me graduando especialista em Pediatria. E agora, exatamente na idade descrita acima, estou me graduando em Pedagogia. Confesso que ao prestar vestibular para o curso de Pedagogia não senti dificuldade, isto porque eu acreditava dentro de mim que iria ter sucesso nos exames eliminatórios devido aos pontos, relativamente altos, que eu havia obtido anteriormente nos concursos vestibulares que prestei para o curso de Medicina. Optei por ingressar em uma carreira de Ciências Humanas, porque após dois anos prestando vestibular para Medicina, percebi que minha afinidade com as Ciências Naturais não era lá grande coisa, e, como uma das minhas primeiras experiências trabalhistas, foi em uma creche-escola, onde atuei como recriadora da educação infantil por três meses, acreditei que seria viável e interessante entender e aprofundar mais meus

conhecimentos em educação e tentar atuar nesta área. Digo, 'tentar' porque nem todos que estudam pedagogia, ao meu ver, estão aptos para atuarem como professores. Mas isto é uma outra história que nada tem haver com a temática que abordarei nesta monografia.

Nos últimos quatro anos e meio, tempo este que investi em minha graduação em pedagogia, tive o prazer de ser monitora da Professora Doutora Ângela Maria Souza Martins, e posteriormente bolsista de iniciação científica. Convidada por ela, pude participar dos encontros de pesquisa que discutia a categoria ideologia e outras categorias importantes para a História da Educação. Além disso, sempre me interessei pelo estudo da categoria alienação. Soube, pela primeira vez, da existência da categoria alienação, na aula de Introdução à Sociologia, quando estudamos Karl Marx. Considerei esta categoria muito complexa e o estudo da mesma tornou-se um desafio para mim. Quando cheguei à equipe de pesquisa, imediatamente me interessei pelo o estudo da ideologia, procurando saber qual o seu vínculo com o processo de alienação.

Outros aspectos que sempre me mobilizaram foram: o mundo da informação e dos meios de comunicação de massa. Frequentemente penso como as pessoas reagem diante da imensa quantidade de informações que é veiculada pelas rádios, jornais, televisão, Internet e outros aparatos dos meios de comunicação de massa. O mundo pós-moderno trouxe, sem dúvida, uma grande revolução no conceito de informação, conhecimento e tempo. Em um mundo extremamente dinâmico, os meios de comunicação de massa têm uma grande relevância, devido à necessidade de transmitir informações de maneira rápida e precisa à população. De forma gradativa, o homem está cada vez mais imerso na dinâmica da sua própria criação: os meios de comunicação de massa. Sem o devido cuidado e tempo para analisar o que está sendo lido, ouvido e visto, os indivíduos são receptivos a uma demanda de informações incalculável sem, muitas vezes, ter o devido preparo para a recepção destas informações.

Neste trabalho monográfico, que também foi meu projeto de pesquisa enquanto bolsista de iniciação científica, tomei como objeto de análise os programas televisivos, em especial, os telejornais, visto a credibilidade e audiência que os telespectadores conferem a estes programas. Numa análise mais profunda, percebemos que as pessoas tomam, muitas vezes, como verdade

inquestionável àquilo que é transmitido pelos telejornais, assim como presenciamos, algumas vezes, na relação educativa existente no ambiente escolar. De certa forma, esses programas também educam, na verdade, eles oferecem um tipo de educação e por isso cabe neste contexto o seguinte questionamento: para quais objetivos? E ainda: para atender ao interesse de quem?

Ao pensarmos nos programas televisivos como meios educadores, podemos analisar se o ensino proporcionado por eles educa os indivíduos a fim de conscientizá-los ou aliená-los. Este cidadão, tão receptivo às informações televisivas, está ou não de fato tendo uma formação crítica e analítica, capaz de identificar o que é fictício ou verdadeiro através do conteúdo que os programas televisivos lhe transmitem?

Analisar esses aspectos diante da problemática proposta poderá proporcionar um olhar diferenciado para os programas televisivos como também sobre que papel estamos exercendo diante da influência dos meios de comunicação de massa, em especial, os telejornais.

O presente trabalho enfocará visões de autores renomados como Louis Althusser, Antonio Gramsci, Pierre Bourdieu, que em seus estudos abordou a influência da ideologia vinda da televisão sobre os indivíduos e a reação destes diante do conteúdo apresentado por este veículo, J.B. Thompson e autores que discutem as representações sociais e o imaginário social

Esta pesquisa monográfica utiliza o método bibliográfico e contará com análise crítica e interpretação de vários autores que discutem a categoria ideologia, como também imaginário social e representações sociais, relacionando esses conceitos a fim de entendermos como se dá a educação, presente nos telejornais. Junto com os dados adquiridos através da análise bibliográfica, pretendo utilizar na monografia, uma pesquisa de campo, contendo a opinião de seis grupos de graus de escolaridade diferentes para captar qual nível de credibilidade é dado por estes grupos aos telejornais, além de analisar gravações de dois telejornais de emissoras diferentes com a intenção de observar o discurso utilizado nestes programas, as mensagens subliminares existentes nas notícias veiculadas, para validar ou não as conclusões da análise bibliográfica.

O primeiro capítulo desta monografia apresenta o quadro teórico-metodológico utilizado para analisar a educação e/ou alienação transmitidas pelos telejornais. Em um primeiro momento, utilizarei o texto de Louis Althusser (1992), 'Aparelhos Ideológicos do Estado' enfocando o AIE da Escola e o dos Meios de Comunicação de Massa, que alega que mesmo em se tratando de instituições diversificadas e atividades distintas, estes aparelhos ideológicos do Estado são unificados pelo fato de que a ideologia que se materializa neles e através deles, é fundamentalmente a ideologia da classe dominante, tornando desta forma estas instituições, mecanismos para a propagação da ideologia dominante. Dentro desta lógica, entende-se que a ideologia dominante é produzida e difundida por meio destas instituições e é por meio delas que a reprodução das relações de produção é garantida.

Outro teórico que utilizarei em maior escala, é Pierre Bourdieu (1997) em sua obra "Sobre a televisão". Neste livro, Bourdieu faz uma análise, por meio de um discurso televisivo, com a pretensão de elucidar os mecanismos que estão por trás da televisão, destacando que estes mecanismos geralmente estão inseridos em uma intenção ideológica de manter o telespectador atento ao que está sendo dito, além de certa forma direcionar o que o entrevistado e até mesmo o entrevistador irá dizer. *de um discurso televisivo*

Utilizo também a concepção de John B. Thompson (1990) sobre ideologia e meios de comunicação de massa, registradas em seu livro "Ideologia e Cultura Moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa." Neste livro, Thompson oferece um referencial crítico para análise dos fatos comunicacionais, que abrange desde o contexto sócio-histórico onde se dão os fatos, até os processos de produção, transmissão e recepção das formas simbólicas.

Por último, abordarei sobre as categorias Representações Sociais e Imaginário Social, importantes na formação das idéias dos indivíduos. Para analisar as Representações Sociais, utilizarei textos de Pedrinho Guareschi e Sandra Jovchelovitch (1997), que expõem algumas pesquisas neste campo de conhecimento, teorizando e explicitando o significado e a importância dessas categorias para entendermos a dinâmica da sociedade e sua construção. Com relação à categoria Imaginário Social, serão utilizados dois capítulos de "A Escola

Imaginária” de Lílian Valle (1997), como também o texto “A descoberta da Imaginação” de Cornelius Castoriadis (1985), extraído do livro “Os destinos do totalitarismo & outros” que analisa historicamente a origem do imaginário social, a utilização desta categoria por alguns filósofos e teóricos ao longo da história, e como esta categoria foi um fator instituinte da sociedade.

No segundo capítulo, intitulado “Reflexões sobre os Programas Televisivos”, analisarei os mecanismos dos telejornais e o discurso utilizado para atrair o telespectador, utilizando para isto as gravações dos telejornais de duas emissoras diferentes, para perceber melhor como é direcionada a notícia e se há ou não intencionalidade na transmissão dos fatos. Utilizarei neste capítulo também, a pesquisa de campo feita com indivíduos de diferentes níveis de escolaridade a fim de ter uma amostra da credibilidade dada aos telejornais.

No terceiro capítulo, abordarei ~~sobre~~ a influência dos telejornais na educação ou deseducação do telespectador. Nesta parte da monografia, será enfocada a questão educativa advinda da recepção dos conteúdos jornalísticos. O questionamento é se de fato a educação é efetiva, se ^{ela} proporciona ao telespectador ~~o~~ conscientização, ~~o~~ aumento do senso crítico, em suma, se de fato forma um cidadão pleno, ciente da importância de seu ser no mundo, de sua atuação, ou se a crescente propagação da informação torna o indivíduo um mero receptor, alheio a questionamentos por acreditar na idoneidade das emissoras ou, até mesmo, nos jornalistas que transmitem os telejornais.

O último capítulo são as considerações finais onde procuro fazer uma síntese das idéias apresentadas pelos teóricos aqui mencionados, dos resultados da pesquisa de campo como também das gravações feitas dos telejornais.

I – Quadro teórico-metodológico

Neste capítulo far-se-á uma análise de: Antônio Gramsci e Louis Althusser - que fundamentam suas obras no conceito marxista de ideologia; Pierre Bourdieu e J. B. Thompson - que falam sobre os mecanismos televisivos e as ideologias perpassadas por esses mecanismos; alguns aspectos sobre a Teoria das Representações Sociais e a construção do Imaginário Social abordado por Castoriadis e Lilian Vale.

Antes, creio ser de fundamental importância para entendermos o cerne das idéias que são perpassadas pelos programas televisivos, sabermos algumas visões sobre ideologia. Primeiramente é interessante deixar registrado^a a origem do termo ideologia.

O termo ideologia foi primeiramente usado pelo filósofo francês, Destutt de Tracy, em 1796, para descrever seu projeto de uma nova ciência que estaria interessada na análise sistemática das idéias e sensações, na geração e consequência das mesmas. Para este filósofo, não podemos conhecer as coisas em si mesmas, mas apenas as idéias formadas pelas sensações que temos delas.

Se analisássemos essas idéias e sensações de uma maneira sistemática, poderíamos garantir uma base segura para todo o conhecimento científico e tirar conclusões de cunho mais prático. Este empreendimento, Destutt de Tracy denomina Ideologia, a ciência das idéias, a primeira ciência. Na verdade, este conceito surgiu como parte de uma tentativa de desenvolver os ideais do Iluminismo no contexto das revoltas sociais e políticas, que marcaram o nascimento das sociedades modernas (Thompson, 1990, p.48).

Ao longo da história, muitos pensadores utilizaram em suas obras o termo ideologia fundamentando, muitas vezes, suas teses no estudo desta categoria. Percebemos a utilização deste termo em Marx, na escola Hegeliana e em alguns teóricos de tradição marxista. Farei um breve levantamento das idéias de dois teóricos que concebem o conceito ideologia de forma distinta: Antônio Gramsci e Louis Althusser.

1.1 Antônio Gramsci

Fundador do Partido Comunista da Itália, Antônio Gramsci nasceu no ano de 1891 na Ilha de Sardenha, localizada na província de Cagliari, na Itália. Sua família era de origem humilde, o que não foi empecilho para o seu ingresso na Universidade de Turim, embora isto lhe custara duras privações. Em 1917, o jovem Gramsci organizou a greve dos operários de Turim e firmou-se por meio de outras greves, movimentos e seminários para a classe operária como um intelectual comunista. Em 1926, no regime totalitário de Mussolini que mais tarde veio a ser reconhecido como fascista, Gramsci foi preso e confinado na ilha de Ustica, próximo a Palermo, sendo alguns meses depois transportado para Roma, algemado, e condenado a vinte anos de reclusão por ser considerado um 'cérebro perigoso'. Foi submetido a um regime severo, sendo permitido escrever cartas e notas, permissão que ocasionou a realização de seus grandes escritos, nos quais destacamos aspectos importantes sobre ideologia e estruturas sociais.

Gramsci não concebe ideologia como algo propriamente da classe dominante, cuja intenção seria a manutenção da 'ordem social' e conseqüentemente de seu *status quo*. Ele era contrário ao marxismo economicista e mecanicista que via o econômico como determinante exclusivo de uma formação social. Propôs superar todo tipo de regionalismo e corporativismo. Afirmou que as ideologias nascem em realidades materiais e vêm de forças materiais.

Sua concepção de ideologia é plural, porque afirma que existem diversas ideologias e as define como sendo concepções de mundo. Estas concepções de mundo são concebidas por meio de nossa vivência em um grupo social, dentro de um contexto histórico. Por isso, Gramsci defende a necessidade de termos consciência desta concepção de mundo para o reconhecimento de suas contradições. Isso se justifica pelo fato de que não há como pensarmos o presente com um pensamento antigo, do passado. Neste caso, quando não temos uma concepção de mundo crítica e com um certo nível de coerência, podemos acabar sendo a síntese de todos os valores, pensamentos, atitudes e preconceitos que herdamos.

A ideologia para Gramsci deve ser analisada historicamente. Desta forma, poderemos distinguir dois tipos de ideologia: as *ideologias historicamente*

orgânicas e ideologias arbitrárias. Neste aspecto, a ideologia não pode ser considerada a priori como 'falsa consciência', pois segundo Gramsci, ela pode contribuir para consolidar ou transformar uma estrutura. As ideologias são julgadas segundo a sua função e eficiência em reunir classes ou frações de classes em posições de domínio ou subordinação, contribuindo desta forma para dar coesão as idéias e valores de uma determinada classe social que pode conquistar a hegemonia de uma estrutura social. A coesão da estrutura social pode ser considerada uma responsabilidade da ideologia.

A ideologia para Gramsci pode ser considerada como uma forma de conhecer o mundo. Composta de um sistema de idéias e de atualizações, institucionalizadas ou não, a ideologia, enquanto modo de conhecer a realidade, tem uma participação efetiva e ativa numa formação social, tendo uma eficácia na explicação de uma determinada realidade.

A construção da consciência não será igual nas diferentes classes, mesmo vivendo sob o mesmo modo de produção. Logo, o local onde se constroem as ideologias está situado nas especificações de cada classe e a relação entre classes diferentes, em uma mesma realidade social. A classe dominante elabora idéias fundamentadas para perpetuar o seu domínio sobre a classe dominada e em contrapartida, as classes que 'sofrem' a dominação elaboram concepções que questionam os fundamentos e objetivos traçados pela classe que domina. Disso podemos salientar, que numa determinada conjuntura existem ideologias dominantes exercendo a função dominante e ideologias dominadas.

Este teórico se preocupa em pensar ideologias específicas e não apenas a ideologia em geral. Desta forma, ele fornece ótimas categorias para analisarmos de forma conjuntural, tendo o propósito de entender as ideologias existentes, a partir de conceitos como bloco histórico, sociedade civil, política, senso comum, intelectual e hegemonia.

Sucintamente podemos dizer que bloco histórico para Gramsci significa a soma da estrutura e da superestrutura.

A *sociedade civil* para ele é uma esfera intermediária que faz parte das estruturas, ou seja, esfera dos interesses particulares. Esta categoria é entendida como sendo uma sociedade onde estão presentes elementos pertencentes tanto à estrutura quanto à superestrutura, estando situada entre a estrutura econômica

e o Estado, podendo ser, considerada como um conjunto de organismos, tais como: família, escola, associações, sindicatos e muitos outros. Desta forma, podemos identificar que o 'local' onde as classes lutam pelo poder, é na sociedade civil.

A *política* é concebida como sendo um momento importante nas relações entre estrutura e superestrutura, pois marca a passagem daquela para esta incluindo nesta última, elementos mais complexos. O nível político tem suas leis próprias, diferentes do econômico, e é através da análise desse nível que Gramsci concebe a ideologia. A política é um elemento muito importante para a passagem da estrutura para a superestrutura.

É através da capacidade de mobilização política e sua realização na história, que podemos encontrar a verdade de uma ideologia. Logo, quando procuramos entender a escolha de uma determinada concepção de mundo feita por um grupo social, percebemos que esta escolha não pode ser tratada como um fato simplesmente intelectual, mas algo de uma complexidade tal, que acaba por implicar numa opção política.

O *senso comum* também pode ser entendido como parte de uma ideologia. O senso comum é bastante eclético, sendo uma acumulação de valores. Tem a tendência de naturalizar, nele existem muitas contradições: é um amalgama de idéias. Em síntese, o senso comum pode ser entendido como sendo o acúmulo de vários conhecimentos adquiridos ao longo dos anos e que são extraídos de várias ideologias que permeiam o cenário social popular.

A categoria *intelectual* é entendida como sendo aquele que organiza, dissemina e conserva as habilidades e idéias que estão mais associadas com o trabalho mental do que com o trabalho manual. Gramsci estabeleceu a diferença entre intelectuais orgânicos e tradicionais, sendo os orgânicos aqueles que estão comprometidos em propagar uma idéia para um determinado grupo social, pensando e sistematizando uma concepção de mundo de modo coerente a fim de orientar um determinado grupo. Podemos identificar um intelectual orgânico pela sua atuação como dirigente de um partido político, líder político, sindical e até mesmo empresarial. Para Gramsci, toda concepção de mundo tem pensadores que a lideram, por isso a difusão de novas concepções de mundo tem razões políticas e sociais (Martins, 2000, p.10).

A *hegemonia* é definida como sendo uma categoria que inclui o ideológico. Ela se refere à relação dialética de forças de classe. Este conceito possibilita a análise das relações existentes no interior das classes e entre elas. A ideologia torna-se um instrumento fundamental para realizar uma hegemonia, porque antes da tomada do poder, deve-se conquistar a hegemonia política e ideológica, em outras palavras, é necessário um conjunto de idéias coerente e organizado, que convença um grupo social de que aquela é a direção que deve ser tomada, criando assim um consentimento voluntário.

Gramsci afirma que a ideologia está presente no complexo estrutura / superestrutura, o que ele denomina de bloco histórico. Logo, qualquer sociedade está situada num bloco histórico. O homem também é concebido como um bloco histórico, resultado do encontro da subjetividade com a objetividade, produz idéias, normas e valores a fim de atuar na prática social. Desta forma, as ideologias são criadas pela construção das explicações e justificativas de mundo feitas pelo homem, a partir de sua vivência no interior de um determinado bloco histórico.

Em síntese, podemos perceber que Gramsci afirma que a ideologia deve ser entendida a partir do seu contexto histórico, levando-se em conta a posição das classes e os valores, idéias e normas da época em que estão sendo construídos. Para ele o homem é a síntese das relações sociais existentes num determinado contexto, expressando também a história dessas relações.

Para Gramsci, o homem é um processo (dentro de relações que estão ativas com ele mesmo) sendo síntese das relações sociais e históricas. É desse homem que nascem as percepções e as representações do mundo. A ideologia então, se constitui como um modo de conhecer o mundo. Ela jamais poderá ser concebida, segundo ele, como simplesmente um conjunto de idéias e valores que tem como função primordial ocultar a realidade, porque na verdade as ideologias expressam concepções de mundo de diferentes grupos sociais e através delas, esses grupos atuam na realidade social e histórica.

1.2 – Louis Althusser

Louis Althusser, teórico francês com olhar pós-gramsciano, que fundamentou sua teoria, considerada equivocada por alguns críticos, nos escritos de Marx. Participou do movimento estudantil da França em 1968, que contestava o autoritarismo no mundo inteiro. Foi considerado um crítico da União Soviética. Preocupou-se com a cientificidade dos conceitos marxistas. Considerava o marxismo uma ciência, e procurava provar isto em sua obra. Ele estava preocupado inicialmente em buscar fundamentos epistemológicos na obra de Marx para justificar as teses que criara sobre os aparelhos ideológicos e sobre ideologia.

Althusser lutou contra as interpretações mecanicistas das superestruturas, ou seja, a questão essencialista da totalidade social. Para ele existem três grandes instâncias: política, ideológica e econômica. Um dos questionamentos presentes em sua obra, é como que estas diferentes instâncias transmitem a ideologia dominante e por que as sociedades em geral, e as sociedades capitalistas contemporâneas, mantêm-se, apesar das divisões e desigualdades que as caracterizam.

Com o intuito de descobrir a natureza da construção social, Louis Althusser propôs um novo conceito de formação social onde, metaforicamente, a sociedade seria um edifício, composto de uma superestrutura e uma infra-estrutura. A superestrutura é formada por duas grandes instâncias: jurídico-política e ideológica. É esta estrutura que determina a sociedade. Ela possui uma autonomia relativa, sendo um todo complexo estruturado. Deste complexo estruturado, temos que diferenciar o que é dominante e determinante porque em alguns momentos a superestrutura age pela base (infra-estrutura).

A infra-estrutura, representada pela economia considerada por Althusser como o pilar deste 'edifício', em última instância é determinante. O aspecto (econômico) é superdeterminado e o que é determinante é diferente de ser dominante. Com isto ele afirma que a economia em uma sociedade é sempre determinante, mesmo que a política de determinada estrutura não seja dominante. A partir disto, Althusser afirma que a superestrutura não é reflexo da base econômica sendo esta necessária para a existência da infra-estrutura.

Althusser é contra a visão economicista da realidade.

Althusser condenou as análises em que centralizam as lutas nas classes e não na sua construção. A Ideologia, para ele, está vinculada ao conceito de formação social. Segundo este autor, o papel da Ideologia, epistemologicamente, é uma relação imaginária traçada entre os homens. Logo, por meio da ideologia os homens demonstram *“a maneira pela qual vivem a relação entre eles e suas condições de existência: isto pressupõe tanto uma relação real como uma relação imaginária vivida”* (Da Ideologia, 1980, p.111). A ideologia constitui um ‘tecido’ da sociedade e é um nível importante para formação social, é uma forma de representar o mundo para si mesmo, por isso é colocada como relação imaginária.

Para Althusser, a ideologia teria uma função social que seria a inserção dos indivíduos em suas atividades práticas, sustentando desta maneira a estrutura social. Assim, as contradições são ocultadas pela ideologia e a explicação da realidade é reconstituída por um discurso imaginário fundamentado por ela. Nesse sentido, a ideologia então teria três funções: coesão, inversão e mistificação da sociedade.

A ideologia é considerada por Althusser como a pré-história da ciência, ou seja, ele quer afirmar que a ciência é história e somente ela é a verdade. Louis Althusser não indicou em sua obra saídas para as diferentes ideologias existentes na sociedade, apenas reconheceu a existência delas, explicitando o aspecto formal da ideologia, porque para ele o que importa é como funciona a ideologia.

As ideologias não existem somente no campo das idéias, elas estão incorporadas nas instituições. Elas servem para reprodução das relações de produção, a fim de manter mecanismos que perpetuem esta visão. As relações de produção implicam na divisão do trabalho. Cada indivíduo se ‘conforma’ com a sua situação social devido aos mecanismos ideológicos que perpassam a estrutura social. Althusser tenta criar uma teoria da ideologia, mostrando a sua construção e seu funcionamento. Primeiro, ele afirma que a ideologia é uma representação imaginária dos indivíduos com suas reais condições de existência. E segundo, que a ideologia tem uma existência material e depois que a ideologia interpela indivíduos como sujeitos (representa a relação que cada indivíduo tem com a realidade).

Althusser ao buscar entender como é formada a superestrutura, detecta dois problemas, aos quais se propõe investigar: a ideologia como reprodutora e os Aparelhos Ideológicos do Estado. O Estado é composto por aparelhos ideológicos (AIE) e aparelhos repressores (ARE). Os aparelhos do Estado funcionam primeiro ideologicamente e depois, pela repressão. A função dos aparelhos ideológicos seria utilizar a ideologia para 'manter' as idéias que sustentam o Estado. Através do convencimento, eles criam normas, idéias e valores, que promovem a manutenção do poderio do Estado. Esses Aparelhos do Estado se apresentam de maneira distinta, representados por instituições como a escola, religiões, família, partidos, imprensa, televisão, rádio, dentre outros. AIEs como a Igreja e a escola trabalham inicialmente com a ideologia e depois com a repressão.

Ao contrário dos Aparelhos Ideológicos, os Aparelhos Repressores atuam com a repressão e, em seguida, com a ideologia. Nos séculos XIX e XX, verifica-se a atuação da escola como aparelho ideológico dominante, utilizado pela burguesia. Já no fim do século XX a escola perde a primazia para o aparelho ideológico da informação (meios de comunicação de massa). Percebe-se também que no mundo contemporâneo as instituições escola-família predominam em substituição as instituições família-igreja que eram as dominantes na Idade Média.

A partir dos aparelhos ideológicos podemos perceber a luta de classes. A ideologia é reproduzida por meio de vários aparelhos sociais, principalmente capitalistas, que são instituições da sociedade civil: a escola, a igreja, os aparatos jurídicos, a mídia, dentre outros. A ideologia é importante também porque está ligada ao problema de dominação de classe e ao poder de Estado. A reprodução ocorre em vários patamares, a nível político, social, material, por meio desses aparelhos. A reprodução é assegurada pela superestrutura jurídico-ideológica. Esses aparelhos transmitem idéias de forma discreta, a tal ponto que a sociedade não percebe.

Para Althusser, a única função dos AIEs é reproduzir a idéia da classe dominante. Os AIEs não são apenas lugar de luta de classes, eles tem uma função mais completa, devido ao fato de que as instituições não são elementos neutros, mas sim, instrumentos de luta, como a escola, que tem função também de sujeição ideológica. Para ele a escola é o principal aparelho ideológico,

podendo até mesmo ser considerado o aparelho dominante, porque nessa instituição é que se qualifica o trabalhador, e é através dela que a classe dominante transmite e perpetua suas ideologias. Na instituição escola, os indivíduos aprendem regras instituintes da sociedade, como a moral, o bom comportamento, a consciência cívica e profissional.

Este teórico afirma que os homens por meio de sua relação imaginária com a realidade formam uma visão deformada da realidade, e uma ideologia existe sempre materializada num Aparelho Ideológico, bem como em suas práticas. Desta forma, a função primordial da ideologia será o seu uso para o domínio, pois sua ação é o ocultamento da verdadeira realidade.

1.3 – Pierre Bourdieu

Pierre Bourdieu, autor de mais de trezentas publicações, um dos principais cientistas sociais do mundo, nasceu em 1930 e foi considerado um crítico voraz da televisão. Considerou a escola que cursou o primário e o ginásio um internato “rude e violento”, experiência que marcou sua trajetória e que provavelmente o motivou a lutar, ao longo de sua vida e de sua obra, contra todas as formas de dominação e de mascaramento da realidade social. Podemos citar como exemplo, sua obra *A Reprodução* (1970), onde Bourdieu analisa o funcionamento do sistema escolar francês que, ao invés de transformar a sociedade e permitir a ascensão social, ratificava e reproduzia as desigualdades. Por conta desta obra, Pierre Bourdieu foi considerado um teórico crítico-reprodutivista.

Entretanto, foi no livro *Sobre a Televisão* (1997), obra esta que irei analisar neste item, que Bourdieu desvelou o círculo vicioso da informação televisiva, denunciando a constante repetição que os canais fazem, copiando um ao outro, convidando sempre os mesmos convidados que geralmente estão em todos os canais, tudo em busca da audiência, necessidade esta que acaba por impedir a inovação. Bourdieu dissecou e desmontou os mecanismos de censura que estão por trás das imagens e discursos exibidos na televisão. Uma obra polêmica, best-seller na França, que alerta para os perigos que tais mecanismos televisivos representam para todas as esferas culturais, perigos que também ameaçam a vida democrática e política. Ao analisar criticamente o pouco espaço que a

televisão concede ao pensamento crítico, Bourdieu luta para que esse instrumento poderoso e democrático, não se transforme em instrumento de opressão simbólica.

Este autor faz uma análise, através de um discurso televisivo, com a pretensão de elucidar os mecanismos que estão por trás da televisão. Estes mecanismos geralmente estão inseridos em uma intenção ideológica de manter o telespectador atento ao que está sendo dito. Mas não é somente o telespectador que passa por esta influência: o entrevistado também, muitas vezes, tem o seu discurso manipulado. Há na verdade dois tipos de discurso: o articulado, que é o que resiste a manipulação e o manipulado, que está condicionado a interesses. O autor fez este discurso em um programa de televisão, com a condição de que não haveria nenhuma restrição a sua fala, nem delimitação de tempo, porque não queria que o seu discurso fosse manipulado.

Segundo ele, a televisão cria mecanismos para divulgação das notícias. Os que a monitoram é que direcionam qual a temática que deverá ser abordada. O início do discurso de Pierre Bourdieu sobre a televisão começa com um questionamento sobre porque as pessoas não questionam as condições impostas para se falar na televisão. O autor suspeita qual seria a possível causa: ser é ser percebido, talvez por este motivo as pessoas vão para os programas televisivos, mesmo que "às escuras", ou seja, não plenamente cientes do que irão responder ou falar. Isto, segundo o autor, pode implicar muitos compromissos e comprometimentos. Para ele, a Televisão é como um espelho de Narciso, porque as pessoas acabam esquecendo o valor e o peso do conteúdo ideológico que expressam, porque na verdade apreciam sua imagem sendo exibida para dezenas de milhões de pessoas. Pierre Bourdieu defende que as pessoas poderiam fazer o seguinte questionamento antes de se apresentarem na televisão: "O que tenho a dizer está destinado a atingir todo mundo? Será que ele merece ser entendido por todo mundo? Ele deve ser entendido por todo mundo?".

Bourdieu denuncia a presença na televisão de uma censura invisível: o acesso a TV tem como contrapartida uma formidável censura, pois ocorre uma perda de autonomia porque o assunto é imposto, as condições de comunicação são impostas e a limitação do tempo impõe ao discurso restrições tais que é pouco provável que alguma coisa possa ser dita. Esta censura pode também ser

entendida como um instrumento político, porque quem dirige a emissora de TV ou rádio é nomeado, ou seja, é uma indicação política. Assim, as pessoas se acomodam, tem uma auto-censura consciente ou inconsciente.

Em última análise, há uma pressão econômica sobre a televisão e também uma censura bastante complexa, por isso não podemos simplesmente afirmar que o que se passa na televisão é determinado pelas pessoas que a possuem, pelos anunciantes e pelo Estado. O que Bourdieu analisa, até a crítica mais elementar percebe, mas oculta os mecanismos anônimos invisíveis, através dos quais se exercem a censura daqueles que fazem da TV um formidável instrumento de manutenção da ordem simbólica. Quando compreendemos como os mecanismos televisivos funcionam, conhecemos melhor aqueles que deles participam, ou seja, os convidados, os entrevistadores ou até mesmo os jornalistas, são simultaneamente manipulados e manipuladores. Manipulam melhor, quanto mais manipulados são eles próprios e mais inconscientes de sê-lo.

Bourdieu criou um outro conceito para explicar a influência, muitas vezes, agressora da televisão sobre os telespectadores, como também sobre os que passam as informações através dela: a violência simbólica. Segundo o autor, a violência simbólica é caracterizada por uma perpetuação "na e pela ignorância", tanto com quem a exerce como aquele que a sofre, ambos encontram-se alheios à realização de seu exercício e de seu sofrimento. Neste contexto, a televisão pode ser o meio pelo qual esta violência é transmitida de maneira quase que imperceptível, já que quem a sofre geralmente não sabe que sofreu.

A televisão tem uma espécie de monopólio de fato sobre a formação das cabeças de uma parcela muito importante da população. O excesso de informações e conteúdos fúteis acaba por impedir a conscientização do cidadão, impedindo que lhe chegue informações pertinentes que o ajudariam a exercer como cidadão seus direitos democráticos. Isto também é uma forma de violência, pois, muitas vezes, a televisão é o único veículo informativo que uma parcela da população tem para se informar, e ao buscar a informação recebe conteúdos que não lhe trarão resultados significativos. Não é absurdo pensar que o que se quer, muitas vezes, é um cidadão consumista ou que não se importe para questões de relevância política e social, mas sim imerso e envolvido em frivolidades que não lhe renderão resultados significativos para sua construção como indivíduo.

Bourdieu fez este longo discurso para descobrir e desmascarar certos mecanismos escondidos, contidos por intenções quase imperceptíveis numa breve análise.

Segundo Bourdieu (1997), os jornalistas tendem a repetir a mesma informação nos jornais. Os jornais tendem a ter o mesmo conteúdo e enfoque nas mesmas notícias. Não há muito de novo, mesmo havendo concorrência. Isto ele denomina como a circulação circular da informação. Os jornalistas tendem a pensar que as pessoas lêem mais de um jornal. Na verdade, as pessoas lêem um jornal e muitos nada lêem. Quem lê mais de um jornal, geralmente é o jornalista que quer saber o quê o concorrente escreveu. Os produtos jornalísticos são muito mais homogêneos do que se acredita. A circularidade das notícias nos jornais cria nos leitores uma espécie de jogo de espelhos, refletindo-se mutuamente, produzindo um formidável efeito de barreira, de fechamento mental. Acaba, na verdade, limitando o quê o leitor pode ler e pensar. É uma espécie de condicionamento.

As escolhas que se produzem na televisão são de alguma maneira escolhas sem sujeito. Por meio dos efeitos de mecanismos de circulação circular, os jornalistas "lêem-se" uns aos outros. É um círculo vicioso, onde a mesma notícia interessa a todos. Para se falar de outras notícias é preciso 'transgredir' este princípio tão invisível, causando um 'choque' através da mídia, que interesse ao conjunto da mídia. A parte mais determinante da informação – informação pela informação – tem o foco nos índices de audiência. Os índices de audiência tornaram-se o juízo final do jornalismo, o sucesso comercial. Segundo Bourdieu, historicamente, todas as produções culturais que considera, que certo número de pessoas considera como as produções mais elevadas da humanidade, a matemática, a poesia, a literatura, a filosofia, todas essas 'coisas' foram produzidas contra o equivalente do índice de audiência, contra a lógica do comercial.

O índice de audiência exerce sobre a televisão, um efeito inteiramente particular: ele se retraduz na pressão da urgência. Isto se dá na concorrência entre jornais, entre jornais e a televisão, entre canais de televisão, todos em busca de um furo, para ser o primeiro a divulgar a notícia. Há objetos que são impostos aos telespectadores porque se impõem aos produtores e se impõem

aos produtores porque são impostos pela concorrência com outros produtores. A televisão não é muito propícia à expressão do pensamento. Existe um elo negativo estabelecido entre a urgência e o pensamento. Platão diz, de maneira geral, que na urgência não se pode pensar. Há um elo entre o pensamento e o tempo. Existe com isso, um problema criado pela televisão, segundo o autor, um dos maiores: a relação entre o pensamento e a velocidade.

Bourdieu (1997) indaga se há de fato a possibilidade de se pensar com velocidade. Indaga também se quando a televisão ao dar a palavra a pensadores que supostamente pensam em velocidade acelerada, não está condenada a ter apenas *fast-thinkers* (Bourdieu, 1997, p.41, grifo do autor), pensadores que pensam mais rápido que sua própria sombra. E como eles conseguem pensar em condições nas quais ninguém mais pensa. O por quê está no modo como eles pensam, que é por meio de idéias feitas – Flaubert fala que estas idéias são aceitas por todo mundo, banais, convencionais, comuns. Idéias que quando a aceitamos, já estão aceitas, de sorte que o problema da recepção não se coloca.

O problema maior da comunicação é de saber se as condições de recepção são preenchidas, se realmente aquele que escuta tem o código para decodificar o que está sendo dito. Quando se emite uma idéia feita, a comunicação é instantânea, porque em certo sentido ela não existe, ou é apenas aparente. O pensamento é por definição subversivo. Deve-se começar por desmontar as idéias feitas e em seguida, deve-se demonstrar. Descartes fala de demonstração, fala de longas cadeias de razões e isto leva tempo. Este desdobramento do pensamento pensante está intrinsecamente ligado ao tempo.

A televisão privilegia um certo número de *fast-thinkers*, o que propõe um *fast-food* cultural, alimento cultural pré-digerido, pré-pensado. Estes são os *habitués* da mídia – falantes obrigatórios. Desta forma, são deixados de lado jovens ainda desconhecidos, empenhados em sua pesquisa, pouco propensos a frequentar a mídia. (Bourdieu, 1997, p.41, grifo do autor)

Existem debates falsos na televisão. Estes são facilmente reconhecidos. (quando os convidados aparentam ser oposição – pessoas que se opõem de maneira combinada – quando na verdade são comparsas. De fato, o universo dos convidados permanentes é um mundo fechado de auto-esforço permanente. Bourdieu questiona se de fato o público tem consciência dessa cumplicidade dos

candidatos da oposição e responde talvez. O público sente que há algo, mas não vêem a que ponto esse mundo é cercado, fechado sobre si mesmo, fechado aos seus problemas, à sua existência mesma.

Em um debate há uma série de operações de censura. O primeiro nível dessas operações de censura está no papel do apresentador. É o que sempre impressiona os telespectadores. Eles bem vêem que o apresentador faz intervenções restritivas. É ele quem impõe o assunto, quem impõe a problemática, o respeito pela regra do jogo. O jornalista distribui a palavra, e os sinais de importâncias. Alguns sociólogos tentaram destacar o implícito não-verbal da comunicação verbal, diz-se isso tanto pelos olhares, pelos silêncios, gestos, mímicas, movimentos dos olhos e entonação da voz, quanto pela própria palavra. Revela-se imensamente mais do que podemos controlar. Um simples 'obrigado' pode revelar várias possíveis respostas que podem ser subentendidas em nuances infinitésimas do tom, mas o interlocutor 'engole', tanto a semântica aparente quanto a semântica oculta. E por conta disto pode ficar desnordeado.

Há algumas expressões que o apresentador fala que expressam impaciência ou indiferença, que o interlocutor percebe. Esses sinais imperceptíveis, o apresentador os manipula de maneira mais inconsciente, do que consciente. O apresentador utiliza a estratégia da manipulação da urgência, provocando com isto cortes na fala do interlocutor, para justificar o término do tempo, apressando-o. Algumas vezes, o apresentador assume o papel de porta-voz do público: ele não dá a entender que é idiota, mas sim dá a entender que o espectador de base, que por definição é idiota, não compreenderá o discurso. Isto ele faz quando quer interromper um discurso inteligente. Ocorre também que quando existem pessoas que tem muito a dizer, mais necessitam de assistência à palavra, os apresentadores não só não ajudam estes desfavorecidos, como também os afunda em uma enxurrada de perguntas ou questões que deixam estes convidados embaraçados, tirando deles a credibilidade, e conferindo esta ao programa e ao profissional de jornalismo.

O segundo nível de censura em debates é a composição do estúdio. Ela é determinante. Deve dar a imagem de um equilíbrio democrático, onde ostenta-se a igualdade e o apresentador se apresenta como um árbitro. Outro fator invisível, mas determinante é o dispositivo previamente montado, por conversações

preparatórias com os participantes sondados. Pode levar um certo tipo de roteiro, onde não há lugar para a palavra livre, arriscada ou mesmo perigosa para o apresentador e para o seu programa.

Outra propriedade invisível é a própria lógica do jogo de linguagem. Este jogo é composto de regras tácitas, tendo cada um dos universos em que circula o discurso, uma estrutura tal que certas coisas podem ser ditas e outras não. A última coisa 'invisível', seria a existência do inconsciente dos apresentadores. Os jornalistas com seus 'óculos', suas categorias de pensamento, fazem perguntas que não têm nada a ver com nada.

A televisão é um instrumento de comunicação muito pouco autônomo. Ela teve que transformar os que a produzem, e de maneira geral, os outros jornalistas e o conjunto das produções culturais. Há uma contradição entre as condições econômicas e sociais, nas quais é preciso estar inserido para poder produzir certo tipo de obras, chamadas de 'puras', autônomas com relação às pressões comerciais e por outro lado, as condições sociais de transmissão dos produtos obtidos nessas condições. A televisão leva ao extremo essa contradição na medida que sofre mais que todos universos de produção cultural, a pressão do comércio, por intermédio dos índices de audiência. Por meio da televisão percebemos um universo em que se tem a impressão de que os agentes sociais, tendo as aparências da importância, da liberdade, da autonomia, são marionetes de uma necessidade que é preciso descrever, de uma estrutura que é preciso revelar suas bases, esclarecê-la.

1.4 – J.B. Thompson

J. B. Thompson, professor e pesquisador da Universidade de Cambridge, Inglaterra, é o interlocutor mais importante, de língua inglesa, de Habermas a Bourdieu. Utilizarei alguns enfoques sobre ideologia, formas simbólicas e mediação dos meios de comunicação de massa desenvolvidos por este autor em seu livro Ideologia e Cultura Moderna ^{em negrito} e Teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa", lançado em 1990.

Este autor faz uma análise crítica do conceito de ideologia elaborado por diferentes teóricos ao longo da história, e como este conceito foi, muitas vezes,

empregado de uma forma equivocada, ao se tentar compreender as conseqüências da emissão de mensagens pelos meios comunicativos. Para este propósito, ele divide as concepções existentes de ideologia, em dois tipos gerais, onde encontramos a 'concepção neutra' de ideologia, caracterizada por fenômenos ideológicos, sem necessariamente considerá-los enganadores e ilusórios ou ligados a interesses de algum grupo. De acordo com essa concepção, as ideologias podem ser entendidas como 'sistemas de pensamento', 'sistemas de crenças' ou 'sistemas simbólicos', que se referem à ação social ou à prática política. Logo, a ideologia é um aspecto da vida social, podendo estar presente em qualquer mecanismo ou instituição sem, no entanto, estar voltada para uma revolução social, por exemplo. A ideologia pode ser necessária também, para manter um grupo em seu *status quo*.

A outra concepção é considerada 'concepção crítica', que é aquela carregada de um sentido negativo, crítico ou pejorativo. Esta concepção caracteriza o fenômeno ideológico como enganador, ilusório ou parcial, considerando que a própria caracterização de fenômenos como ideologia, carrega consigo um criticismo implícito ou a própria condenação desses fenômenos.

A análise da Ideologia proposta por Thompson mostra primeiramente as maneiras como as formas simbólicas se entrecruzam com as relações de poder. Essa análise está interessada nos modos como o 'sentido' é mobilizado no mundo social e serve por isso, para reforçar pessoas e grupos que ocupam posições de poder. Estudar a ideologia é estudar as maneiras como o sentido serve para estabelecer e sustentar relações de dominação. Para essa análise faz-se necessário considerar o contexto sócio-histórico em que esses fenômenos ideológicos estão ou não exercendo relações de dominação.

Esta reformulação do conceito de ideologia reenfoca, segundo este teórico, uma série de problemas que se referem às inter-relações entre sentido (significado) e poder. O conceito de ideologia pode servir então, em circunstâncias particulares, para estabelecer e sustentar relações de poder que são sistematicamente assimétricas, o que de maneira mais ampla, Thompson chama de *sentido a serviço do poder* (Thompson, 1990, p.79, grifo do autor). Thompson assume que ao formular esta concepção de Ideologia, ele está se apoiando na concepção latente de Marx, mas mantendo, de maneira modificada,

apenas um critério de negatividade: o critério de sustentação das relações de dominação. Esta nova concepção concebida por ele, pode ser entendida como 'concepção crítica da ideologia'. Ela mantém a conotação negativa que foi trazida pelo conceito através da maior parte de sua história e vincula a análise da ideologia à questão da crítica.

Estudar ideologia para esse teórico pressupõe entender e investigar as maneiras como o sentido é construído e usado pelas formas simbólicas de vários tipos, desde falas lingüísticas cotidianas até as imagens e aos textos complexos. Em suma,

A análise da ideologia pode ser vista com uma parte integrante de um interesse mais geral ligado às características da ação e da interação, às formas de poder e de dominação, à natureza da estrutura social, à reprodução e à mudança social, às qualidades das formas simbólicas e a seus papéis na vida social. (Thompson, 1990, p.16)

THOMPSON,

Thompson (1990) estuda a ideologia, bem como as formas simbólicas presentes e perpassadas pelos meios comunicativos, baseando sua análise em um contexto sócio-histórico do desenvolvimento das sociedades modernas e das redes institucionalizadas de comunicação, que atualmente fazem parte das experiências dos indivíduos, mediando sistemas técnicos de produção e transmissão simbólica.

Para esse teórico, o caráter duplo da comunicação de massa eletronicamente mediada, o que pressupõe acesso restrito à produção e difusão das formas simbólicas e o acesso relativamente irrestrito à recepção das mesmas, demonstra as maneiras e a extensão de como as formas simbólicas eletronicamente mediadas se tornam o local para a operação da ideologia nas sociedades modernas.

1.5 - Representação Social

De acordo com o livro ^{em merito} 'Textos em Representações Sociais', ^{de} Guareschi & Jovchelovitch, (1995), as representações sociais são formas de conhecimento prático e inserem-se mais especificamente entre as correntes que estudam o conhecimento do senso comum. As representações sociais são campos

socialmente estruturados, ao mesmo tempo em que expressam a realidade intra-individual. Dessa forma, as representações sociais enquanto produtos sociais têm sempre relação com o contexto em que foram produzidas.

A teoria das representações sociais segundo Moscovici (1978), é uma forma sociológica da psicologia social. Moscovici (1978), baseado na noção de representação coletiva de Durkheim (1898), identifica uma categoria coletiva que deve ser explicada a um nível inferior, isto é, em nível da psicologia social. Assim surge a noção de representação social do próprio Moscovici. Antes de Moscovici e dentro da psicologia social, podemos ressaltar teóricos como Alport (1924), Durkheim (1898) e Le Bond (1895) que procuravam entender e analisar as representações na sociedade. Le Bond, por exemplo, acreditava que o poder dos líderes em persuadir as massas era uma forma de influência hipnótica. Le Bond voltava-se mais para psicopatologia e Durkheim defendia a sociologia, no sentido de compreender as representações coletivas, conceito anterior ao da teoria das representações sociais.

Em contrapartida, Freud era contra a afirmação de Le Bond, e afirmava que os indivíduos na massa estavam relacionados uns com os outros através de sua identificação comum com o líder. Alport, seguindo a linha de Le Bond, defendia a psicologia social como parte da psicologia do indivíduo. Enquanto Freud, Durkheim analisavam o coletivo para entender o indivíduo, Alport defendia a análise do indivíduo para depois entender o coletivo. Estes teóricos procuravam entender como as representações são formuladas na sociedade. Moscovici prefere estudar as representações sociais, porque alega que pelo dinamismo das sociedades modernas e a rapidez com que as mudanças econômicas, políticas e culturais ocorrem no dias de hoje, poucas representações são verdadeiramente coletivas, como defendia Durkheim.

1.6 – Imaginário Social

A categoria imaginário social é alimentada pelas representações sociais. Segundo o texto de Lilian Valle, extraído do livro "A ^{em russo} escola imaginária" (1997), Castoriadis (1985) defensor e teórico da categoria Imaginário Social, afirma que o imaginário não é algo determinado, porque vincula-se a idéia de criação. Para

esse teórico, o homem cria, institui a sociedade, criando símbolos, figuras, imagens, sem necessariamente ter uma causa para isto.

O imaginário social foge da causalidade histórica e representa uma força institucionalizadora da sociedade. Ele é dinâmico e a sociedade está sempre utilizando, já que a mesma está sempre se recriando, se reinventando. Segundo a autora Lilian Valle (1997), o imaginário será importante para entendermos o conceito de alienação, já que o imaginário está também envolvido em construções utópicas que se relacionam com a categoria ideologia. O imaginário também pode ser considerado uma potência coletiva, que aparece através de imagens. A imagem não é uma falsa realidade. A imagem não serve apenas para representar ou descrever o que existe, mas também cria o que não existe.

Segundo Castoriadis (1985), através das imagens o homem cria as suas representações. Nos últimos anos, a discussão mais freqüente, sobre a questão do imaginário, mostra que, no século XX, o racionalismo entrou em crise e outras categorias antes desprezadas pela existência e firmeza do racionalismo começaram a ser discutidas. Com a crise do racionalismo, Castoriadis afirma que tornou-se importante discutir a utopia, categoria que lida com o que é imaginado ou sonhado, por isso resolve estudar o imaginário social.

A descrença no racionalismo fez com que as pessoas ficassem mais flexíveis, mais relativistas e conseqüentemente mais conformadas. Ser relativista em demasia é algo que deve ser questionado, porque se relativizarmos todos os valores de uma sociedade, podemos instituir uma sociedade com valores que priorizem o individualismo, o que seria prejudicial às ações coletivas e ao Estado.

Há também autores que consideram que a ideologia e a utopia são categorias diferentes. Mannheim afirma em sua obra ^{em negrito} "Utopia e Ideologia" (1936) que a utopia é o oposto de ideologia, isto porque para ele a ideologia está vinculada ao conceito de classe e a utopia remete a um projeto maior que concebe valores e construções que são projetados, mas não realizados.

A utopia é importante porque nos conduz ao imaginário social. É a utopia que insere os novos valores sociais por este motivo ela é fundamental e não deve ser banalizada. Sendo a utopia geradora do imaginário social, ela deve ser analisada com maior zelo a fim de entendermos o grande potencial de renovação dos ideais e idéias. O imaginário social possibilita a renovação de uma

sociedade, por conta do seu poder de criação de idéias. Um dos primeiros teóricos a falar sobre o imaginário foi Aristóteles, como o imaginário era visto como um conceito utópico, pura imaginação, esta categoria, freqüentemente, era colocada no campo da psicologia.

O imaginário social é de fundamental importância para a compreensão de como as idéias, imagens e valores são formulados na mente dos telespectadores, visto que os programas televisivos divulgam muitas mensagens que acabam por influenciar a construção das utopias pessoais dos indivíduos.

II – Reflexões sobre os programas televisivos

Com o intuito de fazer as nossas análises sobre os programas televisivos, na semana de 07 a 11 de junho de 2004, foram gravados dois telejornais de emissoras distintas, a fim de entendermos os mecanismos utilizados por esses programas para manter a audiência e transmitir idéias que influenciam na formação da opinião do telespectador.

O primeiro telejornal escolhido foi o ^{em negrito} Jornal Nacional da Rede Globo de televisão. Este telejornal é transmitido de segunda à sábado, às vinte horas e quinze minutos pontualmente, terminando aproximadamente as vinte e uma horas. É dividido em seis blocos, que tem em média cinco minutos cada, totalizando trinta minutos de telejornalismo, sendo cada bloco intercalado por propagandas que totalizam três minutos. Conta com dois apresentadores, que são jornalistas: Fátima Bernardes e William Bonner. Antes destes jornalistas, por vários anos, esse programa foi apresentado pela dupla Cid Moreira e Sérgio Chapelin, jornalistas que com suas imagens, tornaram esse programa uma referência em credibilidade jornalística e, de alguma forma, deram a esse telejornal a importância que boa parte da população reproduz em seu discurso, como sendo um jornal de alta confiabilidade quando nos referimos a atualização de informações.

O horário desse telejornal é estratégico: é exibido na hora que boa parte da população chega do trabalho. É a hora também que outra parte da população está jantando, mas nem por isto desliga a televisão. As notícias são muitas vezes ouvidas e não necessariamente assistidas. A forma pela qual os apresentadores desse telejornal transmitem a informação serve para transmissão em outros tipos de veículos comunicativos: rádio, televisão e Internet, por exemplo. A fala desses apresentadores é montada estrategicamente para esse propósito, pois a Rede Globo de televisão tem uma rádio exclusivamente de notícias, a CBN que transmite as notícias sobre o Brasil e o mundo em tempo real, inclusive as veiculadas pelo ^{em negrito} "Jornal Nacional". Além da rádio, através da Internet, o internauta tem a oportunidade de acessar o site da Globo Media Center e ver em tempo real, através da rede mundial de computadores (Internet), o mesmo telejornal assistido

na televisão, bem como rever qualquer noticiário, independente da data em que foi exibido.

O "Jornal Nacional" ^{em resumo} é transmitido diretamente do Rio de Janeiro, onde fica a sede dos estúdios da Rede Globo, mas conta com a participação de um estúdio em Brasília onde as notícias sobre política são veiculadas e em São Paulo, onde as notícias sobre o mundo financeiro são transmitidas por um comentarista, especializado em assuntos econômicos. Existem também estúdios em outras capitais brasileiras, como Belo Horizonte, Fortaleza, Salvador, Porto Alegre, entre outras. Mas percebe-se que, os dois enfoques dados são para Brasília (por ser capital política brasileira) e São Paulo (maior capital financeira do país)

Com relação ao aspecto quantitativo, percebe-se também o tempo dedicado por esse jornal a fatos ocorridos no Estado do Rio de Janeiro ocupa mais de um terço do tempo útil de jornal, sendo os outros dois terços para noticiários políticos, econômicos e culturais. Provavelmente isto se deve ao fato desse telejornal ser transmitido diretamente da cidade do Rio de Janeiro, e a sede da empresa que a transmite também.

No quesito postura, percebe-se que os apresentadores mantêm suas expressões faciais bem neutras, tentando transparecer imparcialidade em tudo o que é dito. Além disso, os apresentadores não se levantam enquanto noticiam: permanecem os quase quarenta e cinco minutos de telejornal sentados, e só movem parte do corpo, mais precisamente o tronco, para direcionarem-se para a câmera. Denota-se nesta postura, a intenção de passar credibilidade aos telespectadores.

A divisão de temas que são abordados pelo telejornal obedece geralmente a seguinte ordem: primeiro a notícia que foi manchete do dia, que causa mais polêmica e conseqüentemente, a que possibilita maior audiência. Para essa notícia ainda há uma ressalva do apresentador que depois de apresentar o conteúdo da mesma, acrescenta que mais informações sobre o mesmo fato será noticiado ainda na mesma edição do telejornal. Em seguida, fala-se sobre o noticiário econômico, o que inclui informações sobre os índices financeiros que regulam o mercado brasileiro e mundial: bolsa de valores de São Paulo, índice Down Jones (USA), valor do dólar, entre outros. Seqüencialmente, de uma forma sutil e discreta, fala-se da rotina da câmara dos deputados, decisões políticas e

alguns atos do presidente, sua repercussão nacional e internacional e, logo em seguida, chama-se a repórter que fica em Brasília acompanhando todos esses acontecimentos políticos. Há uma relação estratégica entre o noticiário econômico e político, dando a entender que as decisões políticas, direta ou indiretamente repercutem no mercado financeiro de forma positiva ou negativa. Para o telespectador menos atento, essa relação é quase imperceptível. Percebe-se que quando uma decisão política polêmica é colocada em foco, e não é do agrado de alguns como grandes empresários, agropecuaristas, exportadores e afins, as bolsas de valores parecem retratar tal insatisfação do mercado financeiro. O comentarista econômico geralmente esclarece a insatisfação e os possíveis impasses existentes nessa relação (decisões políticas X mercado financeiro).

No segundo bloco, alguns aspectos regionais são abordados bem como assuntos que se relacionam à educação direta ou indiretamente, ou seja, aborda-se educação formal ou não formal, de tal modo que o telespectador, às vezes, não se dá conta que o tema central é educação. Nesse bloco, são apresentados também curiosidades, escândalos, alguma descoberta científica, ou algum fato internacional relevante.

No terceiro bloco, as notícias são sobre questões de saúde, meio ambiente, e há um quadro neste bloco intitulado "Brasil Bonito", no qual fala-se sobre algum ato cidadão e diferencial de um brasileiro comum, que tenha ajudado a comunidade onde reside. Aborda-se também neste bloco, assuntos relacionados ao presidente da república e em seguida, é apresentada uma charge animada, que de alguma forma satiriza ou ironiza o ato do presidente relatado no noticiário. Quando o presidente não é o alvo da charge, geralmente é alguma personalidade política que é caricaturada por ter sido notícia naquele dia. Nesse bloco fala-se também sobre a temperatura no território brasileiro, as previsões de tempo, e quem apresenta é uma outra jornalista.

O quarto bloco noticia fatos em geral, aparecendo os correspondentes da emissora em duas capitais mundialmente famosas e estrategicamente importante para o meio político e econômico: Nova Iorque e Londres. Esses jornalistas, enviados para essas capitais, apresentam notícias que tratam tanto do território

em que estão, como também de outros países da Europa, Oriente Médio e América Central ou do Norte.

No quinto bloco do jornal, apresenta-se outro quadro intitulado "Identidade Brasil", que relata algum feito cultural regional brasileiro. Fala-se no final desse bloco sobre os gols da rodada dos campeonatos regionais, brasileiros e internacionais. Nesse bloco, os jornalistas que apresentam o telejornal, estão com uma expressão facial mais alegre, e falam da notícia como algo prazeroso.

No sexto e último bloco do telejornal, fala-se bastante sobre esportes, sendo o enfoque não mais apenas o futebol, mas também outras modalidades esportivas. Comenta-se também sobre as últimas notícias internacionais e se houver algo mais a acrescentar a notícia que mais chamou a atenção no dia, faz-se um breve comentário, lembrando ao telespectador que caso queira manter-se mais informado, novas notícias serão apresentadas no telejornal "Jornal da Globo", exibido no início da madrugada, em torno de meia-noite.

O segundo telejornal gravado foi o ^{em merito} Edição de Notícias da Rede Record de televisão. O apresentador, o jornalista Paulo Henrique Amorim, é o editor do jornal e provavelmente o criador do estilo jornalístico empregado para esse tipo de programa. É um jornal relativamente 'jovem' se compararmos ao tempo de existência do ^{em merito} "Jornal Nacional", mas a ele conferimos um outro estilo jornalístico, provavelmente por se tratar de um público alvo diferenciado, porque não são muitos os que permanecem acordados após a meia-noite para assistir exclusivamente a esse jornal.

A exibição do telejornal ^{merito} "Edição de Notícias" ocorre geralmente por volta de meia-noite, de segunda a sexta-feira, e tem duração máxima de trinta minutos. Na verdade, esse jornal dura vinte minutos, ficando dez minutos para o informe publicitário, intercalado entre quatro blocos que compõem o telejornal. Cada bloco do jornal tem em média, cinco minutos. Observa-se no estilo jornalístico do apresentador, um tom mais descontraído, mas 'natural' e rico de opiniões e percebemos claramente que é a opinião do próprio apresentador. Outro fato importante é que ao noticiar os fatos, o jornalista não demora muito em um acontecimento: ele trabalha com as notícias de forma bem rápida e precisa, sem rodeios. E antes de cada comercial, revê por *flashes* de quinze segundos o que já noticiou, alegando que se o telespectador perdeu alguma informação, o *flash*

servirá para atualizá-lo. Neste telejornal, observamos também que o apresentador convida sempre alguém para o estúdio, com o intuito de entrevistar sobre algum tema em destaque, geralmente o entrevistado é um especialista sobre a temática escolhida. Sobre a mesa do entrevistador existe um *notebook* ligado à rede mundial de computadores (Internet), onde todos os dias existe um quadro específico chamado “Vamos navegar...” que o apresentador lê em algum jornal on-line no mundo uma notícia em destaque ou curiosidade.

O primeiro bloco do telejornal é dividido basicamente da seguinte forma: primeiro, ele noticia algum fato econômico que foi destaque no dia. Em seguida ele exhibe o quadro “Seu Bolso”, onde é relatado o informe econômico (índices financeiros), solicitando a opinião do telespectador em um outro quadro seqüencial a este, intitulado “Fala você”. Neste quadro, através do site da Rede Record, o telespectador opina sobre a notícia de caráter econômico, baseado no questionamento levantado pelo jornalista. No final do telejornal, o jornalista informa a estatística da enquete proposta. Fala-se nesse bloco sobre a temperatura no território brasileiro, e as máximas e mínimas do dia seguinte. Há a apresentação de um terceiro quadro chamado de “Vamos Navegar”, já mencionado no parágrafo anterior. O jornalista faz uma rodada sobre noticiários em geral e, em seguida, pede a opinião do público para a enquete proposta no início do bloco e faz uma ‘nova chamada’ para as manchetes que anunciou no início do programa, e que ainda não noticiou.

No segundo bloco, além de noticiar fatos em geral, o jornalista chama o correspondente que está em Brasília para comentar sobre algum ato do presidente ou questão política que tenha causado uma certa polêmica no dia. Após este quadro, o apresentador retoma em quinze segundos o que já foi dito, utilizando para isto frases-manchete. Ele usa esse recurso alegando que se alguém chegou naquele momento e está assistindo o jornal tem a oportunidade de se atualizar sobre o que já foi dito. O quadro “Vamos Navegar” é retomado. Outro quadro que aborda curiosidades é o “Tecnofácil”, onde o jornalista entrevista um especialista em assuntos de inovação tecnológica sobre a utilidade do que é inventado e está sendo lançado no mercado. Em seguida, há a apresentação do quadro “Nessa você não vai acreditar”, sendo o enfoque deste

quadro para notícias curiosas. Retoma-se em seqüência a este quadro o “Fala Você” e o apresentador fala rapidamente sobre as próximas notícias.

No terceiro bloco os índices econômicos voltam a ser destaque no quadro “Conversa afiada”, onde os índices que regulam o mercado são comentados e relacionados com os acontecimentos políticos a nível nacional e mundial. Abordase, em seguida, assuntos relacionados a segurança pública, e para este tipo de notícia, o jornalista chama um comentarista especializado neste assunto. Os quadros ‘Vamos Navegar’, ‘quinze segundos para as manchetes já faladas’, ‘Fala você’ e manchetes que ainda faltam ser apresentadas são exibidos novamente, sempre com uma abordagem diferente do jornalista, logo não é cansativo vê-lo lembrar que tal quadro entrará novamente.

No quarto e último bloco do telejornal, há o destaque para a notícia que desperta curiosidade do público em geral, abordando assuntos relacionados a personalidades e a partir desta notícia o apresentador chama o quadro ‘E aí, hem?’ onde esta notícia é colocada como questão para o público, nas ruas, responder. Geralmente quem responde é o público de São Paulo, porque o jornal é produzido na capital paulista, e geralmente as respostas tem um tom um tanto gozador ou irônico. Percebe-se que a intenção desse quadro é: ironizar ou satirizar algum fato destacado pelo jornal, através da opinião pública. Após este quadro, algumas vezes, o apresentador retoma o noticiário rindo e fazendo algum comentário gozador. O apresentador informa o resultado do quadro “Fala Você”, apresenta o quadro “Não podia ser pior”, com conteúdo curiosidades - este quadro é esporádico, ou seja, não é apresentado todos os dias - e finalmente vem o último quadro intitulado “... e tem a última”, que geralmente é uma notícia curiosa e cômica. Esta notícia geralmente vira charge com direito a fundo musical. O jornalista praticamente todos os dias em que o jornal foi gravado, termina o programa rindo da charge, desejando boa noite e boa sorte para o telespectador. É sem dúvida, um telejornal profundamente descontraído.

Descrevi acima observações sobre a estrutura e organização de um telejornal, para um telespectador mais atento. Pretendo agora, elucidar onde os mecanismos destacados por Pierre Bourdieu (1997) se revelam na estruturação desses telejornais, bem como utilizar a opinião pública recolhida na pesquisa de campo.

Inicialmente, observemos os horários dos telejornais analisados: o Jornal Nacional é exibido em torno das vinte horas, diariamente. O Edição de Notícias, por volta de meia-noite. A explicação de Bourdieu (1997) pode elucidar o horário do primeiro jornal:

(...) a televisão pode reunir em uma noite diante do jornal das 20 horas mais pessoas do que todos os jornais franceses da manhã e da noite reunidos. Se a informação fornecida por tal meio se torna uma informação-ônibus, sem aspereza, homogênea, vêem-se os efeitos políticos e culturais que podem resultar disso. (Bourdieu, 1997, p.62)

Bourdieu,

O que percebemos nesse comentário é bem evidenciado na pesquisa de campo, onde 61,5% dos entrevistados citam o Jornal Nacional como o telejornal que mais assiste. As notícias desse jornal geralmente são homogêneas o que lhe confere credibilidade. Alguns entrevistados de nossa pesquisa justificam a audiência desse telejornal, porque acreditam que esse confere certa idoneidade, imparcialidade na divulgação dos fatos, ética, profissionalismo, credibilidade no mercado, e por apresentarem imagens que condizem com o que está sendo narrado pelos jornalistas. Houve também aqueles entrevistados que tinham consciência de que o telejornal mesmo tendo credibilidade, transmitia apenas o ponto de vista da emissora televisiva.

Analisando a fatia da população que assiste a esse telejornal, vemos o quanto é possível que esse programa seja um formador de opinião em potencial, visto que a audiência é notória e atrai, não somente, a atenção da própria emissora e dos concorrentes, mais também dos anunciantes. Logo, Bourdieu (1997) ressalta que todo trabalho coletivo que tende a homogeneizar e a banalizar, a "conformizar" e a "despolitizar" convém a esses programas de telejornalismo, exatamente pelo poder que esses têm de difusão. Vejamos o que nos diz Bourdieu:

Embora ocupem uma posição inferior, dominada, nos campos de produção cultural, eles (jornalistas) exercem uma forma raríssima de dominação: têm o poder sobre os meios de se exprimir publicamente, de existir publicamente, de ser conhecido, de ter acesso à notoriedade pública (...). O que lhes proporciona ser cercados (pelo menos os mais poderosos deles) de uma consideração muitas vezes desproporcional a seus méritos intelectuais... E eles podem desviar uma parte desse poder de consagração em seu proveito. (Bourdieu, 1997, p.66)

Bourdieu,

Entendemos então, que direta ou indiretamente, esses jornalistas têm ciência de que são formadores de opiniões, embora muitos não assumam este fato e/ou classificação, deixando isto, muitas vezes, evidenciado apenas para os comentaristas que esporadicamente aparecem na programação do telejornal. Ainda que quase imperceptível, os jornalistas podem impor ao conjunto da sociedade a sua visão de mundo e os seus princípios. Essas visões de mundo possuem valores, normas e, de certa forma, alguns costumes, que poderíamos considerar como ideologias. Sim, ideologias e não ideologia no singular, porque não se está falando apenas da mídia e, conseqüentemente, dos telejornais, estamos falando de diversos atores sociais, os jornalistas, a quem milhares e por que não dizer milhões de indivíduos conferem atenção para receber informações que, de alguma forma, não vêm totalmente 'puras' para os telespectadores. Bourdieu (1997, p.60) ressalta: “[...] *um jornal deixa de ser dominante quando seu poder de deformar o espaço à sua volta diminui e ele já não dita a lei.*”. Fica bem evidenciado que os jornalistas, têm consciência que de alguma forma eles podem provocar com as informações divulgadas, certa ‘deformação’ na opinião das pessoas. E ainda pensando em ideologias, Gramsci (1978) afirma:

(...) Na medida em que são historicamente necessárias, as ideologias têm uma validade ‘psicológica’: elas organizam as massas humanas, forma o terreno sobre o qual os homens se movimentam, adquirem consciência de sua posição e lutam.
(Gramsci, 1978, p.63).
GRAMSCI

Estamos analisando uma instituição que comporta diversas ideologias, estas podem esporadicamente ser semelhantes entre si, mas reproduzem ou produzem discursos diversos, servindo a interesses de classes, governos e até mesmo mecanismos, para transmitir idéias. Bourdieu (1997) denomina esses mecanismos de *Efeito Real*, uma espécie de poder que a televisão tem para fazer ver e fazer crer no que faz ver: “*Esse poder de evocação tem efeitos de mobilização. Ela pode fazer existir idéias ou representações, mas também grupos.*” (Bourdieu, 1997, p.28). Esses intelectuais, jornalistas e editores de telejornais estão formando diversas representações, fundamentadas nas idéias contidas nessas visões de mundo.

Por exemplo, certas notícias têm implicações políticas e éticas, por isso são capazes de desencadear sentimentos fortes, freqüentemente negativos, como o racismo, a xenofobia, o medo ou ódio do estrangeiro, uma simples narração pode implicar numa construção social da realidade capaz de exercer efeitos sociais de mobilização, ou, até mesmo, desmobilização. Bourdieu (1997) descreve como essas opiniões e escolhas de assunto podem influenciar a população:

Não há discurso (análise científica, manifesto político, etc.) nem ação (manifestação, greve, etc.) que, para ter acesso ao debate público, não deva submeter-se a essa prova de seleção jornalística, isto é, a essa formidável censura que os jornalistas exercem, sem sequer saber disso, ao reter apenas o que é capaz de lhes interessar, de 'prender sua atenção', isto é, de entrar em suas categorias, em sua grade, e ao relegar à insignificância ou à indiferença expressões simbólicas que mereceriam atingir o conjunto dos cidadãos. (Bourdieu, 1997, p.67)

BOURDIEU.

Cabe-nos pensar sobre a formação de inúmeras ideologias que os programas televisivos formam através da transmissão de notícias, reportagens e entrevistas que despercebidamente o telespectador recebe sem, muitas vezes, averiguar a veracidade do conteúdo e a intencionalidade.

Podemos também notar a construção ideológica dos indivíduos que estão envolvidos com os programas televisivos: geralmente suas ambições consumistas, projetos familiares e até mesmo pensamentos políticos, estão relacionados com o que é divulgado pela televisão, e quando há algum tipo de questionamento contrário ao que foi transmitido é, muitas vezes, superficial, não se cria polêmica contra o programa; Por isso é importante estudar as ideologias, considerando a diversidade e a contradição. A ideologia deve ser vista como processo, uma ^{em itálico} práxis, ou seja, deve tomar como ponto de partida a sua funcionalidade na orientação da ação dos indivíduos e da comunicação. Para Gramsci (1978), a formação da consciência crítica não prescinde dos intelectuais, porque os indivíduos, não se tornam independentes e críticos por si mesmos.

Não existe organização sem intelectuais, isto é, sem organizadores e dirigentes, sem que o aspecto teórico da ligação teoria-prática distinga concretamente em um estrato de pessoas 'especializadas' na elaboração conceitual e filosófica. (Gramsci, 1978, p.21)

GRAMSCI,

Outro fator interessante percebido na pesquisa foi a confiabilidade que os telespectadores dispensam aos telejornais; 51,3% dos entrevistados disseram que confiam, às vezes nos telejornais, alegando que eles só divulgam o que realmente lhes interessam porque, muitas vezes, algumas notícias são modificadas para ganhar maior destaque, e até mesmo houve aqueles que consideraram que os jornalistas podem, em alguns momentos, manipular a informação a fim de atender ao interesse da emissora.

Fazendo uma análise simplista poderíamos aceitar que os jornalistas seriam os "vilões" de toda propagação intencional da notícia, manipuladores vorazes que buscam apenas o convencimento dos telespectadores, mas a questão é mais complexa, pois Thompson (1990) afirma:

Não se pode pressupor que os indivíduos que recebem as mensagens da mídia, pelo simples fato de recebê-las, serão impelidos a agir de uma maneira imitativa e conformista e, com isso, a tornar-se prisioneiros de uma ordem social que suas ações – e as mensagens que, supostamente, os impeliram – prestam-se a reproduzir. (Thompson, 1990, p.345)
 THOMPSON,

Observa-se na análise de Bourdieu (1997) que por trás das intenções dos jornalistas há uma força maior que direciona, sem que esses percebam, a seleção das notícias, e ainda que indiretamente, o discurso que irão adotar na programação. Esses mecanismos, na verdade, não são determinados pelos donos das emissoras de televisão, pelos anunciantes que pagam a publicidade, pelo Estado que dá subvenções. Esses mecanismos são invisíveis, na verdade o mecanismo mais importante é o índice de audiência.

Para manter este índice de audiência, os telejornais utilizam informações denominadas por Pierre Bourdieu (1997) de *omnibus*:

Os fatos-ônibus são fatos que, como se diz, não devem chocar ninguém, que não envolvem disputa, que não dividem, que forma consenso, que interessam a todo mundo, mas de um modo tal que não tocam em nada de importante. (...) Ora, o tempo é algo extremamente raro na televisão. E se minutos tão preciosos são empregados para dizer coisas tão fúteis, é que essas coisas tão fúteis são de fato muito importantes na medida em que ocultam coisas preciosas. (Bourdieu, 1997, p.23)
 BOURDIEU,

Justifica-se com isto, de certa forma, a audiência que o Jornal Nacional consegue ter, arrebanhando para si uma fatia considerável de telespectadores. Seu discurso não é tão descontraído como o Jornal Edição de Notícias, que possui um estilo diferenciado de telejornalismo, mas não consegue alcançar, apesar da descontração, o índice de audiência do Jornal Nacional.

Ainda analisando o item credibilidade, podemos analisar as estruturas que cercam e formam um programa jornalístico; primeiramente destacamos o papel do apresentador. No Jornal Nacional a fala dos dois âncoras é homogênea, constante, acompanhada de uma expressão facial serena e séria. De certa forma isto impressiona os telespectadores, pois a comunicação verbal vem acompanhada de uma comunicação não-verbal que se encaixa perfeitamente ao tom conferido à notícia. Bourdieu (1997, p.44)) aponta esta postura, descrevendo os apresentadores, por exemplo, de debates televisivos: “[...] dizemos tanto pelos olhares, [...], pelos gestos, pelas mímicas, pelos movimentos dos olhos, etc. quanto pela própria palavra. E também pela entonação.”

É o que ocorre também no outro telejornal, Edição de Notícias: o ar descontraído que o apresentador confere ao programa, é anunciado pelos sorrisos que distribui durante o telejornal, ao anunciar alguma notícia, as pequenas caminhadas que faz no estúdio, aos diversos tons que confere a cada notícia, revelando sem muitas máscaras sua opinião sobre o assunto, além da contribuição do câmera-man, com a utilização de variados estilos de zoom e enfoque da imagem.

Há ainda outro fator importante: a composição do estúdio do telejornal. Esse fator é determinante, ainda que aparentemente imperceptível. O Jornal Nacional inicia a programação mostrando através do enfoque da câmera de filmagem, o que existe por trás, ou melhor, por 'baixo' do estúdio do telejornal: há uma imensa sala ao fundo, com diversos computadores em mesas diferentes, com alguns trabalhadores – que parecem jornalistas ou redatores – e logo após – este enquadramento não dura nem ao menos uns 3 segundos – o enfoque é dado aos âncoras do programa, que iniciam o noticiário com a divulgação das manchetes do dia. Segundo Bourdieu (1997, p.48)): “[...] uma mudança da composição do estúdio acarreta uma mudança do sentido da mensagem.”

Essa arrumação do estúdio, o tom sóbrio e de persuasão que transmite para os telespectadores, de alguma forma, dá a entender às pessoas, que esse programa é produzido em tempo real, onde há profissionais que estão elaborando a notícia. Já no telejornal da outra emissora, o espaço físico do estúdio permite que o apresentador tenha a liberdade tanto de permanecer sentado, como de se locomover pelo estúdio. Provavelmente esta também é uma estratégia para o espectador deste telejornal manter-se atento, acordado. É provável também que até mesmo a postura que o jornalista assume, de descontração, além da arrumação do telejornal em blocos rápidos e intercalados, seja um recurso audiovisual para manter o indivíduo atento, quando o cansaço comum a quem está acordado pela madrugada, vier lhe abater.

Para compreendermos as ideologias que são veiculadas nos telejornais, precisamos entender como funcionam os mecanismos invisíveis que formam a estrutura de um telejornal e conseqüentemente da emissora que o transmite. Segundo Bourdieu (1997, p.57), é preciso *“tentar compreender o que pode fazer um jornalista”*, sendo necessário ter certo número de parâmetros definidos: *“de um lado a posição do órgão de imprensa no qual ele se encontra; [...] em segundo lugar, sua própria posição no espaço de seu jornal ou de sua emissora.”*

No primeiro telejornal analisado, Jornal Nacional, percebemos que além da grande audiência que este telejornal obtém, comprovado na pesquisa de campo inclusive, o telejornal em questão é exibido e produzido pela emissora brasileira Rede Globo, que possui atualmente reconhecimento de padrões de qualidade mundialmente reconhecidos, e que tem uma fatia muito grande do mercado em questões de audiência. O segundo telejornal, Edição de Notícias, é exibido e produzido pela emissora Rede Record, que mesmo sendo uma rede mais antiga que a Rede Globo, aparenta estar em constante reformulação, tanto a nível de telejornal, como a nível de programação. Certamente, um dos fatores que ocasionam a reformulação, pode estar relacionado ao fator índice de audiência, pois este envolve questões financeiras. Um programa com boa audiência tem um número maior de anunciantes, o que gera um capital considerável.

A questão financeira, o índice de audiência que uma emissora pode ter, são aspectos relevantes para entendermos como se operam as relações de poder

no meio televisivo e como de alguma forma as idéias são produzidas e conduzidas:

[...] se quero saber hoje o que vai dizer ou escrever tal jornalista, o que ele achará evidente ou impensável, natural ou indigno dele, é preciso que eu conheça a posição que ele ocupa nesse espaço, isto é, o poder específico que possui seu órgão de imprensa e que se mede, entre outros indícios, por seu peso econômico, pelas fatias de mercado, mas também por seu peso simbólico, mais difícil de quantificar. (Bourdieu, 1997, p.58)
BOURDIEU,

Quando pensarmos na audiência que possui o Jornal Nacional, entendemos, de certa forma, que por mais que as notícias aparentemente pareçam estar livres de qualquer interferência opinativa, não podemos deixar de considerar que há uma intenção da emissora e dos jornalistas, ainda que imperceptível, para manter os telespectadores atentos e voltados para eles. Sem dúvida, o peso simbólico é grandioso e provavelmente, a violência simbólica exercida e recebida também o é. E isso se dá pela busca do sensacional, do 'furo' onde " *A televisão convida à 'dramatização' no duplo sentido: põe em cena, em imagens, um acontecimento e exagera-lhe a importância.*" (Bourdieu, 1997, p.25) ^{BOURDIEU,} _{BOURDIEU,} ^ε

Dessa forma, cria-se polêmica, construindo-se idéias muitas vezes falaciosas. A televisão pode criar diferentes versões para a mesma notícia, causando com isso, efeitos sociais não esperados. Citamos, como exemplo, as gravações que fiz dos telejornais Jornal Nacional e Edição de Notícias. Na semana em que foram gravados os telejornais, estava ocorrendo uma rebelião em um presídio situado na zona norte da cidade do Rio de Janeiro (RJ). Houve quase que uma chacina neste presídio, pois os presidiários de uma facção criminosa queriam que os presidiários da outra facção fossem transferidos de presídio. A questão era controlar essa rebelião, porque a cada dia que se passava, mais um presidiário era assassinado, pelos próprios presos, de tal forma, que o acontecido tornou-se uma verdadeira barbárie. Cada telejornal anunciava um número diferenciado de mortos, sendo que houve dias, em que um telejornal divulgava um número e o outro, o dobro deste mesmo número.

É realmente incrível como a busca pelo sensacional faz com que essas notícias sejam divulgadas como se fossem banais. A gravidade de um detalhe importante como o número de falecimentos é tal, que se pensarmos nas famílias

envolvidas nestes casos, iremos rapidamente entender a tamanha comoção e revolta provocada pela notícia. Há também implícito nos dois telejornais, uma crítica bem direta ao governo do Estado e especialmente, ao secretário de segurança, que é o marido da governadora. É como se os jornalistas quisessem de alguma forma dizer, que governo conduzido por familiares tão próximos, pode não ter o sucesso e o progresso esperado pela população. Isto é um tipo de propaganda ideológica.

No entanto, os telejornais não vivem apenas dos 'furos' sensacionalistas que divulgam. A busca pela audiência que seria um dos principais 'motores' das emissoras televisivas, faz com que o foco da divulgação de notícias seja sobre as variedades que:

[...] têm por efeito produzir o vazio político, despolitizar e reduzir a vida do mundo à anedota e ao mexerico (que pode ser nacional ou planetário, com a vida das estrelas ou das famílias reais), fixando e prendendo a atenção em acontecimentos sem conseqüências políticas, que são dramatizados para deles "tirar lições", ou para os transformar em 'problemas da sociedade' [...].
(Bourdieu, 1997, p.73)
BOURDIEU,

De acordo com Bourdieu (1997), as escolhas feitas não são tão conscientes, porque estão condicionadas e direcionadas, de certa maneira pelo índice de audiência. Assim, a audiência é uma estrutura invisível, como a força de gravidade, algo que ninguém vê mas que é preciso suportar para compreender o que se passa. Afinal se o índice de audiência é o fator primordial para manter um programa em exibição, a busca pela notícia, pela diferenciação que atraia o telespectador, será assustadora. O jornalismo não é independente, ele busca a audiência, por isso depende dos meios externos a ele, Bourdieu (1997) ressalta:

O universo do jornalismo é um campo, mas que está sob a pressão do campo econômico por intermédio do índice de audiência. E esse campo muito heterônimo, muito fortemente sujeito às pressões comerciais, exerce, ele próprio, uma pressão sobre todos os outros campos, enquanto estrutura. (Bourdieu, 1997, p.77)
BOURDIEU,

Existe uma relação de dependência entre o campo jornalístico e o campo econômico. Num mundo que valoriza o capital e o tem como regulador de outros

campos, como político, educacional e outras esferas da sociedade, não nos surpreende a forma como o econômico perpassa todas as instituições da sociedade civil, com o intuito de perpetuar os valores e as práticas da visão neoliberal no ver, fazer e viver a vida.

Uma das propostas de Bourdieu (1997) ao analisar os mecanismos que estão por trás dos discursos televisivos, é apontar os efeitos negativos no processo de transmissão e recepção da notícia; principalmente a concorrência em busca de um furo de reportagem.

Se uma parte dos efeitos maléficos nasce de efeitos estruturais que orientam a concorrência, que produz, ela própria, a urgência, que produz, ela própria, a perseguição do 'furo', que faz, ela própria, com que se possa lançar uma informação extremamente perigosa simplesmente para vencer um concorrente ainda que ninguém se dê conta disso, se é verdade que é assim o fato de tornar esses mecanismos conscientes e explícitos pode levar a uma concordância visando a neutralizar a concorrência. (Bourdieu, 1997, p.79)
BOURDIEU,

Se a televisão é o local onde melhor se propaga qualquer tipo de notícia, alcançando mais rapidamente uma larga faixa da população, entende-se então, que a censura invisível aplicada pela lei comercial imposta ao campo jornalístico, não se limita apenas a este campo, mas influencia todas as outras esferas de produção cultural, que direta ou indiretamente utilizam a televisão como meio veiculador de suas idéias e produções. Na verdade, o campo jornalístico atua sobre os outros campos e, na medida que o campo jornalístico sofre a pressão da lógica comercial, as limitações provocadas por esta lógica se impõe a outros universos. Tudo movido pelo mecanismo do índice de audiência:

Através da pressão do índice de audiência, o peso da economia se exerce sobre a televisão, e, através do peso da televisão sobre o jornalismo, ele se exerce sobre os outros jornais, mesmo sobre os mais 'puros', e sobre os jornalistas, que pouco a pouco deixam que problemas de televisão se imponham a eles. E, da mesma maneira, através do peso do conjunto do campo jornalístico, ele pesa sobre todos os campos de produção cultural. (Bourdieu, 1997, p.81)
BOURDIEU,

Hoje a televisão exerce um enorme poder sobre os outros campos de produção cultural, sendo enunciadora de veredictos e, por isso, exercer uma capacidade de julgar produtos e trabalhos de outros campos de produção cultural. Os programas televisivos tornaram-se avaliadores e representantes da opinião pública, “*porta-vozes da emoção popular*” (Bourdieu, 1997, p.82), apressando-se na avaliação de um trabalho antes mesmo do reconhecimento dos especialistas da área em que o trabalho foi produzido, tomando como parâmetro o ‘estar’ em evidência na mídia. Nem sempre, segundo Bourdieu, o que consegue notoriedade na mídia é admirado pelos especialistas sobre o assunto. Esta forma de ‘invadir’ e ‘julgar’ produções de outras áreas, Bourdieu nomeia como *‘intrusão de poderes da mídia’*, isto é, “*poderes econômicos mediatizados pela mídia, no universo da ciência mais pura.*” (Bourdieu, 1997, p.87) O que este teórico evoca, na verdade, é a tomada de consciência sobre esses mecanismos pelos diversos universos de produção cultural, que gerariam tentativas coletivas de busca pela autonomia. Talvez essa fosse a condição para o progresso mais intenso da área científica, contra a influência crescente da televisão. Na verdade o que a mídia exerce sobre esse universo, só ocorre porque existem cumplicidades em algum campo deste universo.

[] quanto mais um produtor cultural é autônomo, rico em capital específico e exclusivamente voltado para o mercado restrito no qual se tem por clientes apenas seus próprios concorrentes, mais ele estará inclinado à resistência. Ao contrário, quanto mais ele destina seus produtos ao mercado de grande produção (como os ensaístas, os escritores-jornalistas, os romancistas conformistas), mais está inclinando a colaborar com os poderes externos, Estado, Igreja, Partido e, hoje, jornalismo e televisão, a Submeter-se às exigências ou às suas encomendas. (Bourdieu, 1997 p.90)
Bourdieu,

Quando um profissional deseja ter audiência e ser visto, ele modela o seu discurso de forma a adequá-lo as exigências do mercado, e conseqüentemente da televisão. De alguma forma, isto gera certa limitação, na qual, só se submetem àqueles que da televisão querem algum tipo de proveito. Ou ainda, as pessoas que muitas vezes procuram o recurso televisivo para propagar as suas idéias, são, às vezes, pouco consagradas no campo em que atuam, por isso se interessam e aderem a heteronomia, a fim de buscar fora do seu campo, as

consagrações e reconhecimentos que não receberam dentro do seu campo de atuação, se dispendo a passar pelas exigências da televisão, exigências que podem até contradizer os seus pensamentos acerca do que produzem, ou seja, “para que a imposição do poder da mídia possa exercer-se sobre universos como o universo científico, é preciso que ela encontre cumplicidades no campo considerado.” (Bourdieu, 1997, p.87).

Bourdieu ^{Bourdieu (1997, p. 91)} aprofunda a análise da influência da televisão sobre esses intelectuais: “Se me parece indispensável combater os intelectuais heterônomos, é que eles são o cavalo de Tróia através do qual a heteronomia, isto é, as leis do comércio, da economia, se introduz no campo.” (Bourdieu, 1997, p.91). Na verdade o que ^{ele} Bourdieu defende é que cada intelectual deveria defender as normas do seu campo de conhecimento, sem ter, no entanto, que se adequar às diretrizes da pressão do capital que buscam o lucro, através dos índices de audiência.

Em última análise, Bourdieu ^{em italiano} ressalta que a televisão produz dois efeitos diferentes: de um lado, ela nivela por baixo o direito de entrada em certo número de campos, filosófico, jurídico, etc., ou seja, independente deste profissional ser ou não reconhecido no seu campo de conhecimento, a televisão pode elevar o seu status perante o público e conseqüentemente, perante a sociedade, mesmo que este reconhecimento não esteja em acordo com a maior parte dos profissionais que atuam na mesma área do profissional reconhecido, consagrado. Esta seria uma forma de ‘direito de entrada’ como nomeou Bourdieu (1997), referindo às permissões de acesso para aparição pública na T.V.

Esse direito de entrada está diretamente relacionado aos índices de audiência. Se o que o profissional vai pronunciar, elevará o número de telespectadores para assistir ao seu pronunciamento, lhe é conferido então o direito de entrada em determinado programa televisivo. O segundo efeito seria o que ele considerou como ‘dever de saída’, ou seja, a televisão tem a plena condição de atingir a maioria. Em outras palavras, a T.V. como grande veiculadora de informações, confere aos que nela aparecem a responsabilidade do aumento, ou ao menos, a manutenção dos índices de audiência. Caso os índices de audiência não agradem aos que patrocinam determinado programa, o ‘dever de saída’ pode ser outorgado ao convidado, jornalista ou apresentador, porque não atende a lógica comercial.

A defesa de Bourdieu (1997) pela universalização e democratização das condições de acesso à televisão, mostra a luta contra as diretrizes impostas pelos índices de audiência. Como ele próprio explica:

O índice de audiência é a sanção do mercado, da economia, isto é, de uma legalidade externa e puramente comercial, e a submissão às exigências desse instrumento de 'marketing' é o equivalente exato em matéria de cultura do que é a demagogia orientada pelas pesquisas de opinião em matéria de política. A televisão regida pelo índice de audiência contribui para exercer sobre o consumidor supostamente livre e esclarecido as pressões do mercado, que não têm nada da expressão democrática de uma opinião coletiva esclarecida, racional, de uma razão pública, como querem fazer crer os demagogos cínicos. (Bourdieu, 1997, p.97)

Cabe então, segundo a visão desse teórico, aos pensadores críticos e as organizações encarregadas de exprimir os interesses dos dominados, despertarem para as conseqüências da lógica inserida pelos índices de audiência em nosso cotidiano, pois quanto menos as pessoas identificarem os mecanismos descritos por ele, presente nas programações da televisão, mais a opinião pública irá ser agredida e, paulatinamente, influenciada.

E outros termos, é preciso defender as condições de produção que são necessárias para fazer progredir o universal e, ao mesmo tempo, é preciso trabalhar para generalizar as condições de acesso ao universal, para fazer de maneira cada vez mais pessoas preencham as condições necessárias para apropriar-se do universal. (...) é preciso que os produtores que estão em sua pequena cidadela saibam sair dela e lutar, coletivamente, para ter boas condições de difusão, para ter a propriedade de seus meios de difusão; lutar também, em união com os docentes, com os sindicatos, as associações etc., para que os receptores recebam uma educação visando a elevar seu nível de recepção. (Bourdieu 1997, p.94,96)

Nesse capítulo, analisei os mecanismos que estão por trás de um programa televisivo; como as idéias são passadas aos telespectadores, além de utilizar a pesquisa de campo e as observações feitas dos dois telejornais gravados. No próximo capítulo, explicarei sobre como as idéias passadas por esse veículo são construídas e/ou desconstruídas nos indivíduos, e se há de fato uma educação efetiva nesta relação.

III – Influência dos Telejornais na educação ou deseducação do telespectador

Os telejornais são programas que veiculam basicamente informação. Informações de todos os tipos, que chegam ao telespectador como algo verídico, real. As notícias, quando enunciadas, são encadeadas uma nas outras, dando a noção de continuidade de pensamento e idéia. Percebe-se também que ao enunciar notícias, os jornalistas atrelam a cada mensagem ao menos dois referenciais, imagens de humanos e/ou objetos, que possam comprovar que aquela notícia tem provas e testemunhas que de fato ocorreu. Nota-se que ao desencadear as notícias, não há tempo hábil para o telespectador pensar profundamente em cada notícia, porque a impressão que se tem é que os apresentadores do telejornal valorizam muito a rapidez e precisão, pois a qualquer novo momento podem surgir mais notícias, tão urgentes e essenciais como as que foram e estão sendo anunciadas.

Se pensarmos cuidadosamente na dinâmica em que a informação é transmitida para o indivíduo, considerando-o um cidadão comum, letrado ou não, a absorção desta demanda de informação, ocorrerá de maneira diferenciada de acordo com sua situação social e histórica. Na verdade, o indivíduo enquanto sujeito da história, é formado por suas relações sociais sendo passivo e ativo, dependendo isto do grau de autonomia que tem no meio em que vive. A formação das idéias de um determinado indivíduo está muito vinculada ao desenvolvimento de sua linguagem e convívio dentro de um grupo social. Desta forma a análise da ideologia, ou ideologias deve, necessariamente considerar tanto o discurso onde são articuladas e produzidas as representações, como também as atividades desenvolvidas no meio em que constrói sua vida social.

Ao refletirmos sobre a maneira como os indivíduos interagem com o meio televisivo pensaremos, num primeiro momento que essa interação ocorre em mão única, ou seja, do meio televisivo para o receptor, para a sociedade, não havendo interferência constante nesse círculo de transmissão da notícia. O fluxo de mensagens que o indivíduo recebe é predominantemente, unidirecional, e a capacidade dos receptores para responder ao comunicador principal (no nosso caso, os jornalistas) é limitada. As pessoas são capazes de experienciar por conta

disto, acontecimentos que são do domínio público sem participar diretamente desses ocorridos. Os telespectadores podem até não interagir ativamente com a televisão por meio de um programa de telejornalismo, mas propagam as notícias no seu meio social e, dessa forma, constroem e desconstroem paradigmas, conceitos e representações. Acerca desta abordagem, Thompson (1990) analisa:

As mensagens recebidas via televisão e outros meios são, comumente, sujeitas a elaboração discursiva: elas são discutidas pelas pessoas no curso de suas vidas cotidianas, tanto dentro da região primária de recepção, com numa variedade de outros contextos interativos nos domínios públicos e privados. Dessa maneira as mensagens mediadas podem adquirir uma audiência adicional de receptores secundários que, pessoalmente, não participaram na quase-interação mediada mas assimilaram alguma versão da mensagem através da interação com os receptores primários. (Thompson, 1990, p.317)

As elaborações discursivas que cada indivíduo faz, a partir do que recepcionou como notícia, tem uma riqueza imensurável de representações simbólicas, que carregam sentidos diferenciados, especialmente quando estão envolvidas com alguns tipos de relações de poder. Por isso, ao falarmos sobre como o telespectador é educado ou deseducado pela recepção contínua de um programa televisivo, precisamos antes de mais nada, entender que a análise da ideologia deve se preocupar tanto com as formas simbólicas que são produzidas e difundidas pelas instituições da mídia, quanto com os contextos de ação e interação dentro dos quais essas formas simbólicas mediadas são produzidas e recebidas. Como Thompson (1990) analisa:

Se concebermos a ideologia em função das maneiras como o sentido presente nas formas simbólicas serve para estabelecer e sustentar relações de dominação, então poderemos ver que o desenvolvimento da comunicação de massa, tem enormes conseqüências para a propagação e difusão dos fenômenos ideológicos. (Thompson, 1990, p.343)

Acredito ser importante entendermos também como se dá a formação das idéias nos indivíduos, a partir da influência televisiva, observando os conceitos de imaginário social e representação social. As formas simbólicas se formulam nos indivíduos com a atuação dessas duas categorias. O imaginário social é uma

categoria que foge da contextualização histórica e que pode ser considerada uma força instituinte da sociedade. O imaginário social, conceito discutido por Cornelius Castoriadis (1982), defende que o homem cria a sociedade, ou melhor, a institui. Para isto, ele cria figuras, imagens e formas que possam compor a sociedade, dando com isso, significado a sua práxis. Este conceito vincula-se a idéia de criação, logo, a práxis humana não é fruto da determinação, mas uma criação.

Pensando rapidamente nas formas simbólicas que os telespectadores formulam em seus pensamentos a partir da recepção dos programas televisivos, poderíamos considerar inclusive que parte de sua habilidade criativa seria, em parte, influenciada e construída pelos modelos apresentados na televisão. Os valores desta sociedade instituída por cada indivíduo em seu imaginário estariam atrelados aos valores das formas simbólicas exibidas pela T.V e ainda que os valores não sejam semelhantes, essas formas simbólicas representariam um ponto de referência para a criação, mesmo que essa criação adote modelos contrários ao que é exibido e valorizado. Vejamos um exemplo típico.

A família, célula máxima de uma instituição da sociedade, até pouco tempo era instituída pelo seguinte modelo: mãe, pai e filhos. Os livros representavam bem isto nas escolas primárias e secundárias. No entanto, vemos que o que é real, não é esta formação, embora boa parte das crianças, adolescentes e adultos idealizem uma família segundo esses moldes. Atualmente, há indícios de uma idealização de famílias heterogêneas, formadas por variadas combinações de casais e não casais, que habitam em uma residência ou não, e que tem em seus filhos, as mesmas inspirações de formação familiar diversificada.

O imaginário é um conceito polissêmico, não se trata de imaginação ao nível da ilusão, do irreal. Segundo Lillian Valle (1997):

[.] ele representa, primeiramente, uma força instituidora e, como tal, unificadora da sociedade; somente a partir dessa preliminar é que se pode falar em 'imaginários' derivados; ele é dinâmico, e essencialmente aberto para a produção do novo: quando assim não o é, tal situação de fato caracteriza uma condição de fechamento da própria sociedade (Valle, 1997, p.53-54)

São exatamente as imagens que o homem faz de si e do outro que fazem com que ele construa a sociedade que está a sua volta. O imaginário social é considerado uma potência criadora, que pode emancipar o homem e a sociedade. De acordo com Castoriadis (1984):

Toda relação social e, mais ainda, toda instituição social exige que o homem prolongue sua existência em imagens que faz de si mesmo e do outro, de seu passado e de seu futuro. Ora, isto supõe um trabalho permanente da imaginação, sua interação com a razão e as paixões e, em particular, a tradução em imagens de conceitos abstratos, tais como sociedade, virtude, etc... Contrariamente à memória, que não faz senão conservar as idéias, a imaginação é criadora (Castoriadis, 1982, p.25)

Outro conceito que dá continuidade a essa categoria e que nos ajuda a compreender melhor o desenvolvimento das formas simbólicas dentro de cada indivíduo receptor, é o conceito de representação social. Se o imaginário social trabalhava com a potência criadora de cada indivíduo para instituir a sociedade, a representação social defende que as idéias que construímos advem das relações sociais que desenvolvemos. Moscovici (1961), com a Teoria das Representações Sociais, procurou compreender como se apreende os sentidos atribuídos aos objetos, seus processos e mecanismos enquanto construções sociais e históricas. Ao estudar a relação sujeito/objeto, percebe que o mundo é polissêmico e heterogêneo, por isso essa relação é mediada por outro sujeito.

Moscovici nos mostra que as representações sociais são construções simbólicas de indivíduos ativos que convivem num mesmo contexto histórico e essas representações são importantes para as suas ações e comunicação. O que ocorre é que "(...) *as representações sociais, formam um conjunto articulado de idéias, valores e práticas que possibilita a comunicação e a orientação das pessoas num determinado contexto social e histórico.* (Martins, 2004, p.4)

Pensando nas formas simbólicas advindas da televisão e recepcionadas pelos indivíduos, percebemos o quanto as idéias das pessoas estão permeadas por essas representações, que são formadas continuamente, carregadas de valores simbólicos e ideológicos que direcionam as sociedades, em sua formação e contextualização histórica. Pensemos nas diversas formas simbólicas formadas a partir de uma notícia, por exemplo. Se pensarmos na frequência que noticiários

sobre crimes, assaltos e guerras urbanas que ocorrem na cidade do Rio de Janeiro chegam aos ouvidos de indivíduos de outros estados do Brasil, veremos que essas pessoas acreditam, que vivemos sitiados, e tal como os povos do oriente, em plena guerra, apreensivos. A cidade do Rio de Janeiro hoje tem como representação social, não apenas a idéia de uma cidade turística, mas também representação do perigo advindo da falta de uma segurança pública eficaz, frágil e de uma crescente favelização das camadas mais desfavorecidas da população carioca.

Logo, o conceito de representação social se define com esse exemplo, como algo dinâmico e explicativo, que envolve a realidade social, física e cultural, em uma dimensão histórica e transformadora, unindo aspectos culturais, cognitivos e valorativos. Como Guareschi (1997) define: *“uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, tendo uma visão prática e concorrendo para a construção de uma realidade comum a um conjunto social”* (Guareschi, 1997, p.202). Elas aparecem nas idéias, sentimentos e valores e se materializam em nossas ações diárias, por isso a representação social é uma categoria importante para as análises históricas e sociais, como também para a ação pedagógica, pois retrata a realidade.

No plano da ideologia, ou seja, das idéias que são formadas pela veiculação das mensagens televisivas, percebemos o quanto é importante a contextualização do que é transmitido, por isso é fundamental saber, em que situação social e histórica o indivíduo está ao receber, transformar e reproduzir determinados conceitos que advem dos meios televisivos. De acordo com a visão althusseriana, diríamos que esses indivíduos mantêm uma relação imaginária com a realidade, de tal maneira, que reproduzem o que é elaborado pelos mecanismos do Estado, em especial, o que esse teórico nomeia de Aparelhos Ideológicos do Estado.

Althusser argumenta que o corpo aparentemente diversificado de instituições e atividades que compõem os Aparelhos Ideológicos do Estado são unificados pelo fato de que a ideologia, que se materializa neles e através deles, é fundamentalmente a ideologia da classe dominante, isto é, todos os mecanismos do Estado objetivariam a propagação dos interesses da classe dominante e conseqüentemente, a manutenção do *status quo* da sociedade, e desta classe.

Não é descartado por este autor, que outros elementos ideológicos possam estar presentes nesses aparelhos, mas o campo ideológico é estruturado em favor da classe dominante, classe esta que exerce o controle sobre os Aparelhos Ideológicos do Estado. De acordo com essa concepção, várias instituições do estado são vistas como meios através dos quais a ideologia dominante é produzida e difundida e, assim, a reprodução das relações de produção é garantida.

Essa seria uma das bases da teoria geral da reprodução social organizada pelo estado e legitimada pela ideologia. Sem dúvida é uma forma bem reducionista de se analisar as idéias produzidas no meio social, sob a influência da televisão. Mas é um primeiro pensamento, ainda que simplista ao se deduzir que sendo os meios de comunicação de massa um mecanismo que serve aos interesses da classe dominante, este aparelho poderia passar idéias que beneficiariam essa classe. O grande problema é olhar os receptores como passivos, sem nenhum tipo de criticidade, conformados com a ordem social e envoltos na relação elaborada pela classe dominante, sem nenhum tipo de contestação. Thompson (1990) acerca deste aspecto explica:

A teoria geral da reprodução social organizada pelo estado e legitimada pela ideologia, à medida que dá ênfase principal às relações de classe e que vê o campo ideológico como estruturado fundamentalmente pela ideologia da classe dominante ou da facção de classe, tende a sobrevalorizar a importância da classe na análise da ideologia e a marginalizar outros tipos de dominação, tais como as formas simbólicas que servem para garanti-las (Thompson, 1990, p.127)

Isto é, não se está considerando nessa visão reprodutivista, que existam outras ideologias em questão, ou até mesmo, que os grupos que compõem a classe dominada não percebam sua posição de dominados e aspirem uma reorganização da estrutura social. É como se os indivíduos pensantes, que realmente articulam idéias estivessem apenas na classe dominante e os que pouco articulam, ou articulam de maneira primária, estivessem submissos ao conservadorismo ideológico estabelecido pela superestrutura. Dessa forma, valoriza-se a classe dominante como a responsável pela elaboração do discurso ideológico que promoverá a manutenção da ordem social, mas não se considera

o grau de receptividade de cada indivíduo, seu histórico intelectual, sua criticidade e autonomia para resistir ou reelaborar conceitos contrários a esta ordem social.

Outro fator importante a se salientar, é que o papel delegado aos meios comunicativos nessa teoria de reprodução social é, basicamente, de garantir a coesão e a reprodução social através da transmissão e da inculcação da ideologia dominante. Hoje, percebemos que o papel desempenhado pelas instituições de mídia vai muito além desse papel reducionista e reprodutivista; os meios de comunicação de massa não são apenas um entre muitos mecanismos para implantação dos interesses do estado:

Ao contrário, esses meios são parcialmente constitutivos do próprio fórum em que as atividades políticas acontecem nas sociedades modernas, o fórum dentro do qual e, até certo ponto, com respeito ao qual os indivíduos agem e reagem ao exercer o poder e ao responder ao exercício do poder de outros. (Thompson, 1990, p.128)

Nessa perspectiva, a visão althusseriana só nos interessa para entender que, de fato os meios de comunicação de massa podem ser concebidos como um aparelho ideológico, pois veicula muitas idéias, formas simbólicas carregadas de significado, mas sua utilização não pode ser limitada apenas a atuação da classe dominante, até porque nos dias atuais presenciamos a utilização por variadas organizações de canais abertos e fechados, a veiculação de críticas abertas a toda forma de estruturação social, além da divulgação de culturas variadas, religiões, projetos de organizações sem fins lucrativos e afins.

Na visão de Thompson, a formação das idéias nos indivíduos por meio dos meios comunicativos, ocorre basicamente pelo sentido atribuído pelas formas simbólicas veiculadas. A partir deste sentido, pode-se entender como a ideologia está sendo concebida, ou agindo em um determinado grupo. Como ele próprio diz:

(...) podemos analisar a ideologia em função das maneiras como o sentido presente nas formas simbólicas serve para estabelecer e sustentar relações de dominação. E podemos reconhecer que, nas sociedades caracterizadas pelo desenvolvimento da comunicação de massa, a análise da ideologia deve se interessar, fundamentalmente, pelas formas simbólicas transmitidas pelos meios técnicos dessa comunicação. Em vez de concentrar-se nos

sistemas de crenças seculares formulados e defendidos por grupos políticos organizados, a análise da ideologia deve orientar-se primariamente, em direção às múltiplas e complexas maneiras como esses fenômenos simbólicos circulam no mundo social e se cruzam com relações de poder. (Thompson, 1990, p.342)

Isso pressupõe que para entendermos como essas idéias se formam nos indivíduos, é preciso que a análise da ideologia se preocupe tanto com as formas simbólicas que são produzidas e difundidas pelas instituições de mídia, como com os contextos de ação e interação dentro dos quais essas formas simbólicas mediadas são produzidas e recebidas.

Se pensarmos rapidamente como a televisão ocupa um local estratégico dentro da residência dos indivíduos, local esse que geralmente é onde a interação social ocorre, entenderemos a importância delegada a este aparelho, do ponto de vista em que os indivíduos ao recepcionar as informações advindas da TV interagem com os outros entes de sua casa, ou até mesmo, de outro meio social, numa frequência maior do que, por exemplo, dos conteúdos vindos de livros ou jornais impressos. Isto porque a linguagem utilizada pela televisão é uma linguagem de fácil interpretação, na maioria das vezes, e que objetiva o alcance de todo e qualquer tipo de receptor. A projeção que os significados tomam ao longo desta interação sobre o que é recepcionado, deve ser analisada mais profundamente. Podemos considerar que a grande receptividade gera, reproduções variadas de um mesmo conteúdo, e conseqüentemente, formam idéias diferenciadas. Thompson (1990) elucida este aspecto quando afirma:

A estrutura e o conteúdo das mensagens da mídia devem ser analisados em relação a sua produção dentro do referencial interativo primário e a sua recepção dentro da região de recepção primária, bem como em relação à quase-interação mantida entre comunicadores e receptores e às subseqüentes interações sociais em que esse conteúdo das mensagens da mídia é incorporado e elaborado. (...) É apenas através da análise da estrutura e do conteúdo das mensagens da mídia em relação a esses referenciais da interação e de conjuntos circunstantes de relações sociais que nós podemos examinar o caráter ideológico dos produtos da mídia. (Thompson, 1990, p.346)

Não podemos deixar de salientar, que a base teórica para entender o conceito de ideologia e a construção e receptividade das formas simbólicas nos

indivíduos pressupõe, para esse teórico, uma relação de dominação, na qual o sentido é fundamental para entender a lógica da dominação e a ideologia. As relações de poder que entrecruzam as formas simbólicas, mediadas pela televisão, estão direta ou indiretamente conduzindo o receptor a atender e pensar segundo as pretensões dos idealizadores do programa. Sabemos, contudo, que efetivamente isso ocorre de várias maneiras, já que os receptores, ou seja, os telespectadores, discutem o que ouvem e reelaboram para si formas de pensamento baseados no que ouviram e viram, o que pressupõe formação de idéias variadas, que vão muito além de uma interpretação única, ou seja, de que todos, após assistirem a um telejornal, tenham idéias idênticas.

Há quem defina a existência de várias ideologias, ou seja, várias concepções de mundo em uma mesma sociedade. Gramsci (1978) defende um conceito plural de ideologia, baseada na contextualização da situação sócio-histórica de cada indivíduo. Assim, cada ser humano, construirá a sua visão de mundo de acordo com o contexto social e histórico em que está inserido, e do volume de conhecimento que possui.

A concepção gramsciana nos faz entender como as idéias são formadas nos indivíduos a partir da influência dos telejornais. Sabemos que dentro de um mesmo telejornal, há intenções diversificadas, descritas por Bourdieu (1997) como mecanismos invisíveis, elucidadas no segundo capítulo desse trabalho monográfico. Sabemos também que a receptividade das informações advindas dos programas televisivos provocam reproduções diferenciadas deste mesmo conteúdo, especialmente, porque o indivíduo reproduz de acordo com o parâmetro valorativo que delegou a idéia recebida. Isso pressupõe a formação de variados significados para uma mesma mensagem, logo, caso a intenção de um telejornal é provocar um tipo de ação social nos receptores, a mensagem deverá ter menos complexidade para a interpretação, veiculada de modo homogêneo.

O valor que cada indivíduo confere a mensagem geralmente está relacionado ao valor que o grupo no qual está inserido socialmente dá. É o que Gramsci chama de *senso comum*, pois trata-se de uma categoria bastante eclética, considerada uma acumulação de valores. No *senso comum* encontram-se muitas contradições, pois ele é em si, um almagama de idéias, adquiridas ao

longo dos anos, extraídos de várias ideologias que formam o contexto social do indivíduo num determinado grupo.

Para Gramsci, as ideologias são julgadas segundo a sua função e eficiência em reunir classes ou frações de classes em posições de domínio ou subordinação, contribuindo dessa forma para dar coesão as idéias e valores de uma determinada classe social.

Isto posto, as ideologias formadas ou veiculadas pelos programas televisivos, podem produzir reações sociais inimagináveis, construções e desconstruções no intelecto dos indivíduos, a medida que a intenção das mensagens veiculadas atende a um só interesse: a lógica do índice de audiência, explicado por Bourdieu (1997). Se na visão de Gramsci, o homem é a síntese das relações sociais e históricas, nascendo dele as percepções e representações de mundo, as ideologias que permeiam esse homem tem, ainda que assimetricamente, uma relação intrínseca com a lógica comercial, lógica que está ligada ao índice de audiência, regulador da existência dos programas televisivos.

Ainda que as reproduções de idéias dos indivíduos não possam ser calculadas pela demanda dialética que oferecem, essa construção tem a colaboração efetiva dos meios televisivos, especialmente por estarmos numa época em que o tempo útil para o lazer dos indivíduos, ou até mesmo, para a organização de suas rotinas diárias, está cada vez mais curto, não havendo, muitas vezes, tempo hábil para uma reflexão profunda, salvo as muitas exceções que existem, como os intelectuais ou pensadores que dedicam tempo para pensar e refletir sobre as demandas do mundo atual.

A partir dessa análise sobre como as idéias são construídas nos indivíduos, através dos meios televisivos, faz-se necessário considerar o fator educacional como fator fundamental para uma formação crítica do telespectador. Logo, podemos considerar como uma das características fundamentais para entendermos a receptividade do telespectador, o fator educacional.

Não podemos considerar que o histórico escolar de cada indivíduo seja um fator descartável, afinal é pelo meio educacional que cada pessoa desenvolve sua capacidade de raciocínio, lógica e criticidade. Na ausência de uma educação de qualidade, que habilite o indivíduo na utilização destas funções, o que poderemos esperar das construções simbólicas, carregadas de diversas ideologias que este

indivíduo recebe? Certamente, não estamos ignorando o fato de que cada indivíduo é um ser pensante, autônomo, mas quanto menos conhecimento e referencial crítico, menos condições ele terá para contestar as informações que recebe.

Analisar o efeito das construções ideológicas nos meios de comunicação de massa pressupõe também sabermos quem é esse indivíduo, e especialmente, saber qual é o nível de criticidade que este indivíduo se encontra.

IX – Considerações Finais

Ao longo desta monografia foram observados aspectos relevantes sobre os meios de comunicação de massa, em especial, sobre a televisão e a educação proporcionada por ela.

Analisamos os mecanismos que atuam no funcionamento dos programas de televisão, e os consideramos fundamentais na formação das idéias dos indivíduos. Para estudar a formação dessas idéias, pesquisamos categorias como: o imaginário social, a representação social, a ideologia de acordo com os enfoques gramsciano e althusseriano, as formas simbólicas elaboradas e reproduzidas pela televisão de Bourdieu (1997) e Thompson (1990).

Podemos constatar, que dentro da demanda de informação em que o mundo moderno vive hoje, muitas são as idéias que circulam pelos meios comunicativos, em contextos diferenciados, formando diferentes grupos que, direta ou indiretamente, fundamentam suas ideologias nas idéias e formas simbólicas veiculadas, construindo com isso, sistemas de idéias que representam os anseios não somente do grupo em que estão inseridos, mas também, do contexto social e político, onde esse grupo se situa.

A televisão, em especial, representa um dos principais fatores responsáveis pela formação da opinião pública e veremos que muitos ainda são aqueles que utilizam-se deste meio comunicativo, como única fonte de informação e porque não dizer, educação, cultura e entretenimento.

Pensar na televisão, deixando de considerar a sua relevância no cenário da vida cotidiana, é desprezar uma das maiores ferramentas ideológicas de todos os tempos, afinal, sem nos esforçarmos muito, perceberemos que desde o simples noticiário até a um programa educativo, muitas são as estratégias para manter o telespectador atento e receptivo ao conteúdo veiculado. A grande questão é: manter o telespectador atento, acordado, receptivo, mas para atender ao interesse de quem?

Confesso que ao longo de todas as leituras que fiz sobre os autores mencionados no início desta monografia, essa era a pergunta mais importante que rondava meus pensamentos sobre o tema que me propus escrever. Temos o hábito de querer achar um 'culpado' das conseqüências negativas presentes na

sociedade e na vida cotidiana. Inicialmente devo confessar que considerava que os meios de comunicação de massa eram de fato, aparelhos ideológicos do Estado e que estavam à serviço exclusivo da classe dominante, com o intuito de perpetuar suas idéias e manter o seu *status quo*.

É um tanto perigoso considerar que a classe dominada esteja apenas pensando dentro dos limites ideológicos impostos pela classe dominante, já que o que vemos hoje é a existência de diversas facções e/ou grupos que propagam suas idéias, contradizendo inclusive a classe dominante, causando muitas vezes, uma certa 'desordem social', não esperada por governantes ou pela elite. A classe dominada tem autonomia, dentro do contexto social e histórico em que vive, para elaborar o seu discurso. A grande questão é como este discurso é construído sobre a influência televisiva, já que está diretamente ligado a construções simbólicas, ainda que assimétricas, advindas dos programas de televisão.

Ao falarmos dos meios comunicativos, estamos também tratando do aspecto informal da educação. Se parte desta educação é advinda dos meios televisivos, não podemos desconsiderar o papel fundamental que a televisão tem na formação das idéias dos indivíduos e dos grupos que compõe a nossa sociedade. Se não conseguimos perceber o aumento do nível crítico de cada membro de um grupo social através do que ele recebe por meio da televisão, como poderemos afirmar que a educação proporcionada pela televisão é de fato efetiva?

Não basta apenas afirmar, por exemplo, que as notícias não são verdadeiras, ou que não se confia plenamente nos telejornais, porque muitos mentem; é necessário que cada indivíduo saiba identificar quem ou o quê atua por trás das intenções televisivas, por trás dos mecanismos que produzem as notícias de toda espécie.

Desta forma, a construção das idéias se dará de maneira mais consciente, e menos prejudicial para cada grupo. A lei comercial, por exemplo, que conduz o mecanismo do índice de audiência, mecanismo considerado por Bourdieu (1997) como um dos mais significativos para entendermos o que de fato move os programas televisivos, seria facilmente percebida por um indivíduo crítico e consciente dos mecanismos da televisão, não se deixando conduzir naturalmente

por uma notícia ou outra, mas analisando em que contexto está sendo produzida tal informação e para atender ao interesse de quais organismos.

Isto posto, vale ressaltar a importância contínua de uma educação laica, que tome o indivíduo um ser autônomo, consciente de seu papel no mundo, crítico acerca do que recebe como verdadeiro e falso, ativo na construção de suas idéias e não apenas passivo diante do que ocorre a sua volta, diante do que recebe como verdade.

Para esse fim, é necessária a defesa de não somente uma escola, mas também de centros culturais que promovam, para diferentes grupos da população, fóruns de debates ativos sobre os acontecimentos do mundo moderno, produzindo com isto cidadãos mais atuantes, conscientes, críticos e pensantes.

O que não podemos continuar concebendo com tal naturalidade, é a imposição perpetuada pela vida cotidiana, relativamente sedentária, que nos conduz para uma rotina quase alienante. A nossa postura diante da televisão, não deve se resumir na recepção das informações como 'alimento mastigado' sem nos darmos o trabalho real de procurar outras fontes, além da televisão. É essa recepção que, ao meu ver, é preocupante. Nós nos acostumamos a viver de acordo com o 'frenesi' desse mundo que nos cerca de emoções, sensações e momentos diversos, e pouca, muita pouca reflexão. O que se espera, então, dos indivíduos que aos poucos, se acomodam e paulatinamente abandonam os seus hábitos 'juvenis' de questionar, criticar e refletir sobre o que é dito e não-dito nos discursos que ouvem pela televisão?

Pensar sobre nosso papel crítico na sociedade que estamos construindo (e desconstruindo) é um debate longo e quase interminável. Mas se temos como dar condições de fornecer aos indivíduos base para um suporte crítico e reflexivo sobre suas vidas, devemos lutar então, para que tenham essa bagagem intelectual, a fim de eles mesmos examinarem e se questionarem sobre o que é chegado à eles, e analisarem seus posicionamentos em relação à recepção e interação com a informação, e, assim, reterem dos programas televisivos somente o que é de fato proveitoso para as suas vidas. Desconsiderar o papel fundamental que a televisão tem na construção da história da vida cotidiana, da sociedade e

dos pensamentos, é desprezar um fator infinitamente relevante já que este veículo de informação é importante na construção da opinião pública.

A televisão é hoje, se formos considerá-la como ser ativo, um dos membros mais atuantes de nossa sociedade, já que consegue inserir-se em diferentes camadas sócio-econômicas. Devemos avaliar em que medida podemos traçar uma relação verdadeiramente construtiva com este 'membro ativo' de nossa sociedade, pois ignorar sua influência, é ignorar a existência de modismos, de correntes de pensamentos, enfim é ignorar toda a dinâmica da vida moderna. A questão é sabermos contextualizar o que é veiculado e preparar o telespectador para atuar ativamente com a TV, fazendo com que essa relação seja realmente construtiva, rica, autônoma e consciente.

BIBLIOGRAFIA

- ALLPORT, F. H. *Social Psychology*. Boston: Houghton-Mifflin, 1924.
- ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos Ideológicos do Estado*. RJ: Graal, 1992.
- BOURDIEU, Pierre. *Sobre a televisão*. SP: Jorge Zahar, 1997.
- BORDENAVE, Juan Enrique D. *O que é comunicação?* SP: Brasiliense, s/d.
- CARPEAUX, Otto M. *A vida de Gramsci*. Revista Civilização Brasileira, RJ, 07 maio 1966. Disponível em: <http://www.artnet.com.br/gramsci/arquiv79.htm>
Acesso em: 20 jun 2004.
- CASTORIADIS, Cornelius. *Os destinos do totalitarismo & outros escritos*. Porto Alegre: L & PMEd., 1985.
- CODO, Wanderley. *O que é alienação?* SP: Brasiliense, s/d.
- DA IDEOLOGIA. Organizado pelo Centro de Estudos Culturais da Universidade Birmingham. RJ: Zahar, 1980.
- DEFLEUR, Melvin L. e ROKEACH, Sandra B. *Teorias da Comunicação de Massa*. SP: Jorge Zahar, 1993.
- DURKHEIM, E. *Représentations individuelles et représentations collectives*. Revue de Métaphysique et de Morale, VI, 273-302, 1898.
- ECO, Umberto. *Apocalípticos e Integrados*. 2ª ed., SP: Perspectiva, 1976.
- GARCIA, Nelson Jahr. *O que é propaganda ideológica?* SP: Brasiliense, 1994.
- GRAMSCI, Antonio. *Concepção dialética da História*. RJ: Civilização Brasileira, 1978.
- _____. *Cadernos do Cárcere*. RJ: Civilização Brasileira, 2001.
- GOFF, Jacques L. *A história Nova*. SP: Martins Fontes, 1993.
- GUARESCHI, Pedro e JOVCHELOVITCH, Sandra (orgs). *Textos em representações sociais*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- JODELET, Denise. *Les représentations sociales*. Paris: PUF, 1989.
- MANNHEIM, Karl. *Ideology and Utopia: An Introduction to the Sociology of Knowledge*. London: Routledge & Kegan Paul, 1936.
- MARTINS, Ângela Maria S., Relatório Final de Pesquisa. RJ: UNIRIO, 2004.

MATTERLART, Armand e Michele. *História das teorias da Comunicação*. SP: Loyola, 2001.

MELO, José M.(org.). *Comunicação e classes subalternas*. SP: Cortez, 1981.

MOSCOVICI, S. *A representação social da psicanálise*. Paris: PUF, 1978.

ROCCO, Maria Thereza F. *A linguagem autoritária – Televisão e Persuasão*. SP: Brasiliense, 1989.

SANTAELLA, Lúcia. *Cultura das Mídias*. SP: Experimento, 1996.

THOMPSON, John b. *Ideologia e Cultura Moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. RJ: Vozes, 1995.

VALE, Lílian. *A Escola Imaginária*. RJ: DP & A Ed., 1997.



UNI-RIO

Universidade do Rio de Janeiro

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA
DISCIPLINA : MONOGRAFIA II

ALUNO(A) : GABRIELLE FERREIRA DE CARVALHO

TÍTULO DO TRABALHO MONOGRÁFICO : PROGRAMAS DE TELEVISÃO:
EDUCAM E CONSCIENTIZANDO OU ALIENANDO?

ORIENTADOR : ANGELA MARIA SOUZA MARTINS

FICHA DE AVALIAÇÃO FINAL

Primeiro avaliador : Professor convidado

Professor: Valeria Cristina L. Wilke

Nota : Dez (10,0)

Considerações Finais:

O trabalho monográfico apresenta fundamentação, coerência e pesquisa argumentativa. A autora muito bem cumpriu os objetivos propostos.

Esta monografia coroa a graduação da aluna e realça a importância do trabalho de pesquisa na formação discente.

Creio que a aluna deve seguir para o mestrado, pois sua investigação demonstra amadurecimento intelectual.

Portanto, confirmo a nota Dez e parabensizo a autora e sua orientadora pelo trabalho realizado.

Valeria Wilke

Segundo avaliador :

Professor orientador

Professor : ANGELA MARIA SOUZA MARTINS

Nota: 10,0 (DEZ)

Considerações Finais:

A orientação de Gabrieli foi um aprendizado para mim, posso afirmar que ambas cresceram na constância desse trabalho. Pode acompanhar a elaboração técnica de Gabrieli e como relativamente ela foi amadurecendo e com o desenvolvimento de um quadro técnico muito exemplar. Além disso, seu objeto de estudo era novo, relevante e bem definido. Pela sua exemplaridade e amadurecida, lhe atribuo nota dez, 10,0. Atly

Terceiro avaliador : Professor da disciplina Monografia II

Professor: ZIGIA MARTHA COIMBRA DA COSTA EDELAO

Nota : 10,0 (dez)

Considerações Finais:

ma A monografia apresenta todos os elementos indispensá-
veis à elaboração formal, de acordo com as normas da ABNT.

Lil Colho

RESULTADO FINAL

| Avaliador 1 | Avaliador 2 | Avaliador 3 | Pontos | Nota final |
|-------------|-------------|-------------|--------|------------|
| 10,0 | 10,0 | 10,0 | 30,0 | 10,0 |

Rio de Janeiro, 01/10/2004

Lil Colho

QUADRO RESUMO - ORIENTAÇÕES

Mês ABRIL

| | | | | |
|-----------|---|--|-------------------------------------|--|
| Dia | 6/04/2004 | 20/04/2004 | 26/04/2004 | |
| Atividade | Discussão o quadro teórico da história da área de trabalho de campo | DISCUSSÃO SOBRE O QUESTIONÁRIO DE PESQ. DE CAMPO | DISCUSSÃO SOBRE O LIVRO DE TEÓRICOS | |
| Professor | Quim | Quim | Quim | |
| Aluno | GE | GE | | |

Mês MAIO

| | | | | |
|-----------|---|----------------------------|---|--|
| Dia | 13/05/2004 | 20/05/2004 | 25/05/2004 | |
| Atividade | DISCUSSÃO SOBRE A ESTRUTURA DA MONOGRAFIA | INTRODUÇÃO E QUESTIONÁRIOS | DISCUSSÃO SOBRE BOURDIEU E A INTRODUÇÃO | |
| Professor | Quim | Quim | Quim | |
| Aluno | | | | |

Mês JUNHO

| | | | | |
|-----------|---|------------------------|--|--|
| Dia | 3/06/2004 | 29/06/2004 | | |
| Atividade | DISCUSSÃO SOBRE O QUADRO TEÓRICO E A INTRODUÇÃO | DISCUTIR SOBRE GRAMSCI | | |
| Professor | Quim | Quim | | |
| Aluno | | | | |

Mês JULHO

| | | | | |
|-----------|--|--------------------|--|--|
| Dia | | 20/07/2004 | 27/07/2004 | |
| Atividade | | CAPÍTULOS INICIAIS | DISCUTIR OS CAPÍTULOS SOBRE A TELEMÁTICA | |
| Professor | | Quim | Quim | |
| Aluno | | | | |

Mês AGOSTO

| | | | | |
|-----------|----------------------|------------------------|----------------------------------|-----------------------------|
| Dia | 5/08/2004 | 17/08/2004 | 19/08/2004 | 25/08/2004 |
| Atividade | Entrada de Capítulos | Entrada do 3º capítulo | Entrada das Considerações finais | Entrega final de monografia |
| Professor | Quim | Quim | Quim | Quim |
| Aluno | | | | |